



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)

**A RELAÇÃO EDUCAÇÃO E TRABALHO NA PERCEPÇÃO
DO JOVEM E ADULTO NO CONTEXTO ESCOLAR**

ALAINY VASQUES MEDEIROS

BRASÍLIA-DF

2013

ALAINY VASQUES MEDEIROS

**A RELAÇÃO EDUCAÇÃO E TRABALHO NA PERCEPÇÃO
DO JOVEM ADULTO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho Final de Curso apresentado à
Comissão Examinadora Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília como requisito parcial para
obtenção de título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Olgamir Francisco de Carvalho.

BRASÍLIA – DF

2013

ALAINY VASQUES MEDEIROS

**A RELAÇÃO EDUCAÇÃO E TRABALHO NA PERCEPÇÃO DO
JOVEM E ADULTO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Comissão Examinadora:

Prof. ^a Dr. ^a Olgamir Francisco de Carvalho
Universidade de Brasília – UnB
Orientadora

Prof. ^a Dr. ^a Sônia Marise Salles Carvalho
Universidade de Brasília- UnB
Examinadora Interna

Prof. ^a Dr. ^a Hέλvia Leite Cruz
Universidade de Brasília – UnB
Examinadora Interna

BRASÍLIA- DF

2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Deus. Aos meus pais Ataíde José de Medeiros e Maricea Vasques Medeiros, que me apoiaram nesta caminhada, em especial pelo carinho e o verdadeiro amor que sempre demonstraram por mim.

Aos meus irmãos Allan e Alander, em especial ao Alander que me incentivou durante todo o curso para que eu jamais desistisse do meu sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu a oportunidade de estudar e me deu a graça de ingressar e concluir o curso de pedagogia na universidade de Brasília, por ter me proporcionado sabedoria e coragem para concluir mais uma etapa da minha vida.

Aos meus pais Ataíde e Maricea que sempre me apoiaram, mesmo em meio a tantas dificuldades lutaram e sonharam comigo, me encorajaram a seguir em frente me dando o suporte que eu precisava.

Ao meu namorado Vinicius Soares que me deu força e esteve sempre ao meu lado em toda trajetória de elaboração deste trabalho.

As minhas amigas e parceiras de estudo que formei nesses quatro anos de curso, pelo companheirismo e carinho, em especial a minha amiga Joyce Lopes Porto pela cumplicidade, ajuda e amizade que me deu forças em momentos difíceis e me incentivou com palavras.

Agradeço imensamente à minha orientadora professora Olgamir, pelo apoio, compreensão e auxílio em todos os momentos de construção deste estudo.

Às professoras Sonia Marise e Hέλvia Cruz, por participarem da Comissão Examinadora deste trabalho e compartilharem conosco este estudo.

Agradeço a todos, de todo o coração, por fazerem real este momento.

“ A educação não muda o mundo. A educação muda pessoas.

Pessoas mudam o mundo.”

Paulo Freire

MEDEIROS, Alainy Vasques. **Educação e trabalho na percepção do Jovem e Adulto:**

Um estudo sobre.

Trabalho Final de Curso, Faculdade de Educação, UnB, Brasília, 2013.

RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de compreender a relação educação e trabalho na percepção do jovem e adulto. A pesquisa empírica, realizada no contexto escolar, objetivou identificar as relações estabelecidas pelos alunos e suas perspectivas. O referencial teórico estudado abordou a trajetória histórica da Educação de jovens e adultos no Brasil e a relação educação e trabalho na atualidade. Para coleta de dados foi utilizado um questionário com perguntas fechadas, aplicado aos alunos de uma instituição pública de ensino, que atende Jovens e Adultos. Além do questionário foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Tanto o questionário como a entrevista permitiu caracterizar o perfil dos educandos; analisar os principais motivos para sua saída, e o posterior retorno à escola, além da importância dos estudos e planos para o futuro. Os resultados da pesquisa demonstram que os educandos jovens e adultos se concentram na faixa etária dos 15 a 19 anos e de mais de 40 anos, a maioria é prestador de serviços, com renda salarial entre 0 a 2 salários mínimos. Conclui-se que esses educandos saíram da escola por motivos de trabalho, desinteresse e outros motivos e que o retorno deu-se devido à necessidade de estudo para a profissão, evidenciando a importância dos estudos na busca por uma vida melhor e para ascender profissionalmente. Para o futuro desejam cursar principalmente uma faculdade. Atualmente, o público adulto está inserido ou tentando se inserir profissionalmente, tentando garantir o emprego ou buscando alguma forma de trabalho que possibilite, antes de tudo, a própria sobrevivência. Conclui-se que a educação de jovens e adultos necessita de reestruturação, proporcionando ao aluno condições de pensar a sua educação em termos de busca por um desenvolvimento autônomo e crítico da cidadania, aliado à sua inserção no mercado de trabalho.

Palavras – chave: Educação de Jovens e Adultos, Educação, Trabalho, Cidadania.

MEDEIROS, Alainy Vasques. **Educação e trabalho na percepção do Jovem e Adulto:**

Um estudo sobre.

Trabalho Final de Curso, Faculdade de Educação, UnB, Brasília, 2013.

ABSTRACT

This study has the objective of comprehend the relationship about job and education under adult and youth perspective. The research done at a school ambient searches for the relations of the students and their perspective. The theoretic referential studied was about the storyline of education of youth and adults at Brazil and their relations with education and work nowadays. To collect information was used a questionnaire with closed questions for students at a public institution for education that attends youth and adults. Beyond that, was did semi-structured interviews. Both characterized the profile of the students; analyzed the most important motives to give up, and then come back to school, then the importance to study and to plan the future. The research shows that the students, both youth and adults, are of the ages at 15 and 19 years old and more than 40, most of them are service that earns until 2 minimum salaries. In conclusion these students given up of school because of the work, not be interested and others, to return was about the necessity to the profession, showing of the importance of the studies for jobber looking for best life and to ascend professionally. To the future they like to go to the university. Nowadays, the adults are working or trying to be, to survive. The education of adults and youths needs to be rebuild, giving to the student conditions to think the education as a search to auto development and critic of citizenship, allied to the insertion at work.

Key-words: teenagers' and adults' education, education, work, citizenship.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1ª PARTE-MEMORIAL.....	12
INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO I	26
1.1 História da educação de jovens e adultos no Brasil.....	26
1.2 Aspectos metodológicos, econômicos e sociais que norteiam o ensino de jovens e adultos	30
CAPÍTULO II.....	35
2.1 Trajetória histórica.....	35
2.2 Educação e trabalho: conceitos e definições	38
CAPÍTULO III	42
3.1 Delineamento da pesquisa.....	42
3.2 Universo da pesquisa	43
CAPÍTULO IV.....	45
4.1 Análise dos dados.....	45
4.2 Perfil dos educandos.....	45
4.3 Razões para abandonar os estudos	49
4.4 Razões para retorno aos estudos	51
4.5 Importância do estudo para a vida e profissão.....	52
4.6 Perspectivas de futuro	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
ANEXOS	62

LISTA DE GRÁFICOS

Figura 1- Perfil dos educandos	45
Figura 2- Perfil dos educandos (4 ^a série).....	45
Figura 3- Perfil dos educandos (8 ^a série).....	45
Figura 4- Perfil dos educandos(4 ^a série).....	46
Figura 5- Perfil dos educandos(8 ^a série).....	46
Figura 6- Perfil dos educandos (4 ^a série).....	47
Figura 7- Perfil dos educandos (8 ^a série).....	47
Figura 8- Perfil dos educandos	47
Figura 9- Perfil dos educandos (4 ^a série).....	48
Figura 10- Perfil dos educandos (8 ^a série).....	48
Figura 11- Perfil dos educandos (4 ^a série).....	49
Figura 12- Perfil dos educandos(8 ^a série).....	49
Figura 13- Razões para abandonar os estudos (4 ^a série)	49
Figura 14- Razões para abandonar os estudos (8 ^a série)	49
Figura 15- Razões para retornar os estudos (4 ^a série)	51
Figura 16- Razões para retornar os estudos (8 ^a série)	51
Figura 17- Importância dos estudos (4 ^a série)	52
Figura 18- Importância dos estudos (8 ^a série)	52
Figura 19- Perspectivas de futuro (4 ^a série)	54
Figura 20- Perspectivas de futuro (8 ^a série)	54

APRESENTAÇÃO

Este trabalho teve por finalidade a identificação e análise das percepções dos alunos jovens e adultos sobre a relação educação e trabalho, em especial, a relação entre a formação escolar e o trabalho. Assim, ele buscou compreender os significados que os alunos atribuem ao estudo, os motivos que os excluíram da escolaridade na idade própria, as razões do retorno à escola, entre outros fatores.

Na primeira parte do trabalho apresento o memorial com a minha história de vida desde os primeiros momentos no ambiente escolar, minha entrada na universidade até a escolha pelo tema do trabalho e as minhas perspectivas profissionais.

A segunda parte traz a monografia propriamente dita, com um estudo sobre a relação educação e trabalho na percepção do jovem e adulto, a partir de dados coletados num contexto específico.

Os capítulos 1 e 2 trazem as referências teóricas fundamentais para a compreensão do tema trabalhado; O capítulo 3 explicita o marco metodológico da pesquisa, incluindo técnicas e instrumentos para a coleta e análise dos dados; o capítulo 4 apresenta e analisa os resultados encontrados na pesquisa e, por fim, as Considerações Finais, sintetizam as principais contribuições do nosso estudo, cotejando-as com os objetivos propostos.

O objetivo de estudo desta pesquisa é identificar a relação educação e trabalho na percepção do jovem e adulto que se encontra no contexto escolar. Como instrumento base para a coleta de dados foi utilizado um questionário, aplicado para alunos da EJA de uma escola pública de ensino, Centro de Ensino 316 Santa Maria- DF. Responderam ao questionário dezoito alunos da 4ª série do primeiro segmento e vinte e dois alunos do segundo segmento o que possibilitou verificar se as razões de saída e retorno são as mesmas entre os dois grupos e as expectativas que eles têm no que diz respeito aos estudos. Como instrumento complementar foi realizada uma entrevista com quatro alunos destes segmentos o que permitiu maiores contribuições em relação ao sujeito da pesquisa.

Neste trabalho de monografia proponho trabalhar com a educação de jovens e adultos, a partir do referencial teórico, das experiências em sala de aula e das reflexões dos educandos, o que os impulsiona a voltar à sala de aula depois de tanto tempo, qual é a relação que eles fazem entre a educação e o trabalho e se essa relação contribui para que eles busquem a sua formação.

1ªPARTE

MEMORIAL – Trajetória de Vida

MEMORIAL

Escrever sobre a própria vida não é fácil, no entanto relembrar me traz momentos bons. Nasci em 1991 e são 21 anos de historia morando na cidade do Gama.

Minha mãe sempre teve uma forte influência na minha escolha no curso de pedagogia! Nascida e criada em Luziânia GO,ela tem 16 irmãos sendo dois de criação. Meu avô comprou uma casa no Gama para os filhos ingressarem nos estudos, pois moravam na roça e não havia escola por perto. Ele permaneceu na roça e minha avó partiu para a cidade para criar os filhos e dar a eles oportunidade de estudar, oportunidade esta, que o meu avô e a minha avó não tiveram. Desde cedo minha mãe começou a dar aulas de catequese na igreja, depois fez o curso normal e começou a lecionar em uma escola do Novo Gama- GO, onde deu aula por 12 (doze) anos, gosto de ouvir as experiências da minha mãe na escola, ela conta com tanto entusiasmo e brilho nos olhos que é visível a paixão que ela tem em dar aula e foi assim que ela perdeu a timidez.

Meu pai nasceu em Paineiras, interior de Minas Gerais, sua vida na roça era muito sofrida, por ser um dos irmãos mais velhos lutava pelo sustento da família na lavoura e não teve oportunidade de estudar.Com 22 anos foi para capital, Belo Horizonte, para tentar uma qualidade de vida melhor, trabalhou de vigilante por algum tempo até juntar um dinheiro para morar em Brasília. Meu pai veio morar na cidade do Gama onde montou o seu próprio negocio, começou com um bar, depois uma lanchonete e uma loja de calçados, a qual se tornou o nosso sustento até os dias de hoje, uma das pioneiras no Gama. Por coincidência meu pai e minha mãe moravam na mesma rua e foram assim que se conheceram e começaram a namorar.

Após o casamento meu pai e minha mãe passaram muitas dificuldades financeiras, dar aula em dois períodos e ganhar muito pouco foi um fator determinante para que minha mãe tomasse uma decisão difícil, porém necessária naquele momento: sair da escola e se dedicar ao comercio junto com meu pai.Ela sempre fica pensando como seria sua vida se tivesse continuado dando aula, talvez ela pudesse ter feito uma faculdade de pedagogia, um dos seus sonhos, ou até mesmo ser transferida para o DF, que foi o que aconteceu com suas colegas que continuaram na escola.Apesar de tantas lembranças ela é muito grata a Deus por tudo que conquistou no comercio todos esses anos ao lado do meu pai.

Quanto à minha trajetória escolar, começarei pela educação infantil. Quando criança adorava brincar de escolinha, montava uma sala de aula na minha casa. Recordo que colocava uma folha na parede para representar o quadro e varias cadeiras com meus ursos para representar os alunos, essa vontade de estar na sala de aula fez com que meus pais me matriculassem mais cedo na escola, com quatro anos de idade. Certo dia minha mãe me buscou em casa e me levou em varias escolinhas no Gama para eu escolher onde eu queria estudar, achei aquilo fantástico minha mãe não estava determinando o local que iria estudar, levou-me com toda paciência e deixou-me à vontade. Escolhi a ultima que visitamos - Escola Clube da Criança. Havia um diferencial de todas as outras, não sei dizer exatamente qual. O fato de ter piscina e balé me atraia bastante, mas havia visitado outras escolas que também possuíam esses serviços, acredito que um dos fatores determinantes tenha sido o tratamento que a diretora da escola deu a mim e a minha mãe, fomos tão bem tratadas que a minha vontade era de ficar lá naquele mesmo dia.

Na escola aprendi a lidar com muitas coisas, a ser elogiada por ser uma boa aluna e repreendida por não saber fazer certos tipos de atividades que exigiam habilidades manuais, que não dominava. Assim aprendi a me superar e ir até o fim não me importando quantas vezes teria que tentar.

No ano seguinte minha mãe matriculou na escola, meu irmão Alander, mais novo do que eu um ano. Ele não se adaptou com seus colegas e também não gostava da professora de sua turma, quando ele ia pra escola chorava muito pra ficar na minha sala. Eu estudei três anos na escola Clube da Criança, era apaixonada pela minha professora Rose, inclusive tenho varias fotos dela que guardo com carinho até hoje.

Com sete anos fui estudar na escola classe 01 do Gama, é uma escola publica muito boa, possui o referencial de melhor escola do Gama, eu tinha muito medo de não conseguir acompanhar a turma, no começo sentia muita dificuldade para fazer as lições de casa, minha prima estudava na mesma escola, lembro que liguei pra ela para pedir ajuda na atividade e fiquei muito decepcionada porque descobri que a minha era diferente da dela e de muitos coleguinhas da sala. Minha tristeza foi tamanha, deduzi que a professora tinha me dado uma tarefa mais fácil porque eu não era capaz talvez porque tudo ficava pedindo ajuda, daquele dia em diante tentei ser o mais independente possível eu queria fazer tudo sozinha, para mostrar que eu sabia, não pedia ajuda para minha prima muito menos se a professora estivesse por perto.

Fui conquistando mais autonomia e respeito por parte dos colegas, sentia-me mais confiante para fazer as atividades e levei um título que me marcou muito. Um dia a professora da segunda série que era a mesma da primeira série, passou uma atividade que tínhamos que escrever um poema bem bonito para colocar no pátio da escola, empenhei-me bastante e fui muito elogiada pela professora, meu poema ganhou destaque, os colegas me pediam para ajudar a escrever seus poemas. A professora disse para minha mãe que eu era muito criativa e que poucos adultos conseguiriam escrever um poema tão rico igual ao meu, minha felicidade foi tamanha, estava me sentindo muito importante.

Eu gostava muito da escola, pois as professoras eram muito dinâmicas e sempre elaboravam atividades diferenciadas, havia muitos passeios e eu tinha muitas amizades. Onde mais me divertia era na escola, eu não gostava de perder um dia de aula, me sentia muito sozinha em casa porque sou a única filha mulher e meus pais passavam o dia inteiro trabalhando, então procurava me ocupar com as atividades da escola.

A escola 01 só me deixou lembranças boas, tive as melhores professoras, como era só uma em cada série, tinha oportunidade de conhecê-las bem, a maioria frequentava minha casa, e no meu aniversário não podia faltar a professora daquele ano. Na terceira série ganhei estrelinha dourada de melhor aluna e na quarta série fui rainha da primavera.

No ensino fundamental também tive bons momentos, estudei em uma escola particular, a qual concluí o ensino fundamental. Encontrei pessoas que pensei nunca mais ver, boas e ruins, tive ótimos professores, mas também conheci outros que não tinham nenhum compromisso como educadores, como se ensinar não fosse importante. Mas tudo serviu como experiência, continuei sendo elogiada pelos professores e pude amadurecer muito. Decepcionei-me com algumas amigas e desde cedo aprendi como as pessoas podem ser falsas, egoístas e preconceituosas.

Os bons professores sempre nos marcam, eu tinha muita dificuldade em matemática, na sétima série, estudei com uma ótima professora, que tinha um método de ensino prático e dinâmico. Ela dava a aula com muito entusiasmo e ficava visível para a turma, não conheci ninguém naquela escola que não a admirava.

Eu era uma ótima aluna, na maioria das séries do ensino fundamental no segundo, terceiro bimestre eu já estava passada de ano, devido às excelentes notas, fazia todos os trabalhos com muito empenho e nas provas sempre me surpreendia principalmente nas

humanas. Quando eu estava cursando oitava série em setembro de 2005 esse quadro de aluna exemplar começou a mudar; Meu pai sofreu uma parada cardíaca respiratória e ficou mais de dois meses em coma, sempre fui muito apegada ao meu pai, a doença dele desestruturou todos em minha casa, é como se tivesse faltado as forças para seguir a diante, eu e meus irmãos começamos a faltar muito as aulas, eu não estudava mais e nem fazia os trabalhos, eu estava com 14 anos de idade e meu irmão mais novo com 13 anos, nós dois tivemos início de depressão.

Devido às notas dos primeiros bimestres eu passei de ano, já o meu irmão reprovou, minha mãe ficou muito chateada com a equipe da escola, que apesar de saber do acontecido, não tomaram nenhuma iniciativa diante do nosso caso, fazendo vista grossa ao nosso péssimo rendimento naqueles meses. Minha mãe decidiu matricular eu e meu irmão em outra escola, Colégio Objetivo do Gama, mesmo estando apertada financeiramente devido aos custos de hospital e medicação para o tratamento do meu pai, ela achou que se fossemos para escola pública nosso rendimento poderia cair ainda mais e não íamos ter a compreensão e o apoio necessário no momento.

No Colégio Objetivo meu rendimento desde os primeiros semestres não eram bons, na maioria das matérias eu passava na média, no primeiro e no segundo ano fiquei de recuperação no fim do ano, aquela situação na escola abalava ainda mais o meu emocional. Tudo na minha vida estava diferente, mesmo em casa, meu pai precisava de acompanhamento, seu quadro não era bom, ele não conseguia falar nem andar e precisava de nossa ajuda em tudo, pra mim e meus irmãos não era fácil e muito menos para minha mãe que teve que se virar sozinha naquele tempo, pois ainda eu e meus irmãos éramos muito jovens e não conseguíamos ajudá-la.

A nossa situação financeira estava bem complicada, pois os gastos estavam altos, a única solução encontrada no momento foi eu e meu irmão mudarmos para escola pública, minha mãe ficou muito triste de me tirar da escola particular, ela tinha medo que eu ficasse mais desmotivada na outra escola. Nos primeiros meses confesso que estava a mesma coisa, eu faltava muito, não tinha interesse de ir pra escola e as notas continuavam baixas. Através de uma prima minha comecei a frequentar a igreja Batista Internacional Celular, na igreja eu descobri pela fé em Deus que tudo é possível e dessa forma a esperança de ver meu pai curado começou a crescer em mim e junto vieram outros sonhos que eu havia esquecido, um deles era de fazer uma faculdade após o terceiro ano.

Depois de me apegar em Deus, decidi que tinha que fazer tudo diferente, comecei a estudar muito, mesmo quando não tinha aula eu ia para a biblioteca da escola estudar, eu queria voltar a ser a aluna nota dez de sempre e dar orgulho para a minha família, minhas notas começaram a aumentar, pedi a ajuda dos professores porque eu estava de recuperação em muitas matérias e todos foram muito compreensivos, e no terceiro bimestre me lembro como hoje que eu gabaritei as provas de matemática, física e biologia que de fato eram as matérias que eu mais precisava de nota.

Mesmo em meio a tanta batalha e bons resultados, sempre tinha alguém para tentar me desestimular e me fazer desistir, um desses episódios que me marcou muito, foi quando um tio me perguntou o que eu pretendia fazer depois que terminasse a escola. Eu respondi que eu estava estudando para o vestibular da UnB e que eu ia tentar para pedagogia, ele nem deixou eu terminar de concluir o que estava falando e já foi me dizendo que esquecesse aquela ideia maluca, que eu não tinha capacidade de passar na UnB em nenhum curso, sem querer acreditar eu respondi que se eu não passasse naquele vestibular minha mãe ia tentar pagar um cursinho e eu ia continuar tentando, mais uma vez ele me rebateu dizendo: “não adianta, você só vai piorar tudo gastando um dinheiro que vocês não tem, desiste! Isso não é para você”, naquele momento pensei que meu mundo tinha desabado e foi difícil conter as lágrimas.

Fiz o vestibular do meio do ano para pedagogia na UnB e não passei, mas nem o resultado negativo nem a falta de estímulo me fez desistir porque Deus estava comigo e eu estava decidida que queria fazer uma faculdade de pedagogia, comecei a estudar ainda mais, às vezes o estudo tomava minhas madrugadas, eu queria ser uma excelente aluna na escola e em consequência passar no vestibular para pedagogia, eu não compartilhava meu sonho com ninguém, nos dias que estava triste lembrava do meu pai me chamando de “professora do papai” e isso me dava muita força para estudar.

No fim do ano comecei a correr atrás de bolsa de estudos para cursar a tão sonhada faculdade, apesar de querer muito entrar na UnB o medo me impulsionou a tentar outras maneiras. Em janeiro recebi um email de trinta por cento de desconto no curso de pedagogia na Universidade Católica, mesmo com o pequeno desconto, minha mãe me incentivou a fazer a matrícula e que depois dava um jeito de pagar, com esperança que eu conseguisse o FIES (Financiamento Estudantil).

No dia em que fui fazer a matrícula na católica recebi uma ligação da minha mãe perguntando se eu estava sentada ou em pé, era melhor eu estar sentada porque ela tinha uma notícia: Filha você passou na UnB para pedagogia!

Havia saído o resultado do PAS e eu estava aprovada. A felicidade foi imensa, um sentimento inexplicável tomou conta de mim naquele momento e as emoções foram inevitáveis, as pessoas me olhavam na rua e achava que eu era louca, eu pulava e chorava muito, vim por toda estrada agradecendo a Deus e contando a novidade para as pessoas que eu sabia que me apoiavam, quando cheguei a casa minha família e algumas das minhas amigas e primas estavam lá para comemorar comigo, minha mãe estava muito feliz, apesar de ter visto meu esforço foi uma surpresa imensa, contei para o meu pai e ele ficou muito emocionado e nós choramos juntos.

Meu primeiro dia de aula foi no ICC sul, fiquei muito perdida não estava entendendo nada do endereço que vi no matrícula web até que eu encontrei um colega da escola e o pedi que me ajudasse a encontrar minha sala, no papel estava um nome de uma professora, mas na sala havia um homem, muito severo, chamou minha atenção por estar dez minutos atrasada, eu e muitas meninas ficamos assustadas, mais tudo não passava de uma recepção dos veteranos era apenas um trote do professor carrasco. Foi muito divertida a semana de calouros, eu fui em todos os encontros, estava muito empolgada com as novidades que estavam acontecendo.

No primeiro dia que cheguei na UnB desci do ônibus e agradei a Deus, estava muito feliz. Na época nem sabia que pedagogia era um curso fácil de ser aprovado fiquei sabendo disso aqui. Mas estou fazendo o curso que gosto, assim não importa que pensem que é para alunos que não querem estudar. Porque quem o frequenta tem uma perspectiva completamente diferente, pois temos que estudar para ser aprovado e é uma profissão que exige dedicação e para ter dedicação é preciso amar o que faz.

Não me arrependo do curso que escolhi. Cada dia aprendo mais no curso de pedagogia, fiz muitas amigas no primeiro semestre e somos amigas até hoje, apesar de a grade curricular e a disponibilidade divergir muito, conseguimos manter contato além da faculdade, almoçamos juntas e já até viajamos, inclusive estamos combinando mais uma viagem para comemorar a formatura, a amizade e o apoio de todas elas foi essencial durante o curso, todo o tempo percebo que tomei a melhor decisão.

No primeiro semestre peguei só as disciplinas que me ofertaram e gostei muito de oficina vivencial e investigação filosófica, as discussões e os debates eram muito produtivos e motivadores, a disciplina projeto I ampliou o meu saber em relação à universidade, me trouxe conhecimentos essenciais durante o curso.

Nos semestres seguintes escolhi disciplinas que me interessavam além de cursar as obrigatórias, aproveitei e peguei disciplinas além da faculdade de educação, peguei disciplina na psicologia, na educação física, na filosofia e em outros cursos. Descobri que dentro da Universidade temos direito a disciplinas denominadas praticas desportivas, peguei caiaque e forró, era tão divertido, conheci tantas pessoas, era um momento de descontração que fugia da sala de aula sem sair do espaço acadêmico.

No terceiro semestre cursei a disciplina língua materna e tive muito interesse pela alfabetização, gostei tanto da área que resolvi no projeto III fazer um projeto sobre o assunto. O projeto ocorre na escola da Vila Planalto, nos dividimos em grupos e cada grupo ia em dias e turnos diferentes fazer um trabalho de intervenção com alunos com dificuldades em leitura e escrita com orientação de uma mestrande e da professora Cristina Coelho, fizemos um excelente trabalho. Foi uma experiência incrível, lembro que estávamos trabalhando um poema com um grupo de alunos, um deles conseguiu ler a frase sozinho, após a leitura ele se emocionou, nos emocionando também dizendo: “Tia eu não sabia ler mas graças a vocês eu aprendi.”.

A partir das disciplinas que fiz na área de alfabetização e do projeto III eu defini que queria conhecer melhor essa área. Um dia assistindo ao jornal vi o anúncio de um curso de alfabetização com foco em jovens e adultos na Universidade Católica de Brasília, fiquei muito interessada e me inscrevi para ser voluntaria no curso. Fiz um semestre de curso, e aprendi muito na área, tive a oportunidade de cada mês ministrar uma aula, toda a semana junto com os demais professores eu participava do planejamento das aulas, também nesse encontro nós liamos um texto sobre a educação de jovens e adultos e o debatíamos duas vezes na semana, eu participava como monitora nas aulas com idosos, as aulas aconteciam na própria universidade.

No projeto IV fase 1 eu estagiei na escola Le Petit Galois como auxiliar de ensino da turma do 3º ano do ensino infantil, uma escola que me exigiu muito esforço e dedicação mas que também contribuiu muito para minha formação. No projeto IV-fase dois tive o imenso

prazer de conhecer a professora Sonia Marise e o projeto de economia solidaria, através de uma colega fiquei sabendo das aulas de EJA que aconteciam duas vezes na semana no mesmo lugar do projeto de economia solidária, no centro comunitário da Santa Maria, pedi para professora Sonia para fazer o projeto 4 no EJA, ela foi maravilhosa, além de me dar essa oportunidade, permitiu que eu ministrasse as aulas para uma turma.

Ministrar aulas na turma de EJA foi um desafio, pude colocar em pratica o que havia aprendido no curso que fiz na Universidade Católica juntamente com que havia e estava aprendendo no curso de pedagogia, tive muitas dificuldades para preparar às aulas tendo em vista as dificuldades dos alunos, sei que alfabetizar não é uma tarefa fácil, mas eu estava empenhada a contribuir na educação daquelas pessoas. Recorri varias vezes a professora Sonia Marise que me orientasse em relação ao planejamento das aulas além de contar com ajuda da professora da disciplina de língua materna Miliane Rodrigues.

A quantidade de alunos variava bastante, mas era em média 45 alunos, faixa etária entre 41 a 72 anos. Quando cheguei ao centro comunitário já havia um professor ministrando as aulas também graduando em pedagogia, mas não me recordo qual era a sua instituição de ensino, juntos decidimos dividir a turma entre aqueles que já sabiam ler e escrever e os que estavam iniciando o processo de alfabetização, eu fiquei com a turma B, que era a turma que já tinha uma noção de leitura e escrita. No começo os alunos não me deram muita credibilidade devido a minha idade (20 anos), mas com o passar das aulas fui conquistando-os e mostrando que eu também tinha muito que aprender com eles, sempre procurando valorizar o conhecimento e as experiências que os alunos adultos trazem consigo.

Cada aula eu procurava inovar, despertando a participação e o interesse dos alunos pelas aulas, dividia as aulas em três etapas, primeiro iniciava lendo um texto curto ou um poema, que gerasse reflexão. Segundo tempo passava atividade, geralmente impressa, descobri que as aulas rendiam mais do que quando passava atividades no quadro, no terceiro momento executava uma dinâmica com as duas turmas.

Os alunos estavam muito dedicados e participativos, eles pegaram muita confiança em minhas aulas e eu percebia muitas demonstrações de carinho, eram diversos elogios as minhas aulas, todos percebiam o meu interesse em ministrar as aulas, inclusive a coordenadora do centro comunitário que sempre que podia fazia questão de participar. Eu chegava a minha casa

e comentava com minha mãe que estava realizando um sonho de entrar na sala tão independente, era como uma terapia, tudo parecia fazer sentido.

A escolha do projeto IV foi decisiva na escolha do meu projeto V, pois percebi que essa área me suscita mais interesse que as outras, relatei isso na disciplina de OVP(Orientação Vocacional Profissional) para a professora e as colegas e para minha felicidade tive muito apoio da professora Olgamir, que me ouviu e se disponibilizou a ser minha orientadora no projeto V, conversamos muito sobre minhas experiências que me permitiram refletir sobre a educação de jovens e adultos na perspectiva do trabalho. Pois bem, resolvi que este seria o tema.

Conheço muitas pessoas que não tiveram oportunidade de estudar e hoje se esforçam para terminar o primeiro e o segundo grau. Deixa-me tão contente saber que existem pessoas que apesar do tempo longe da escola batalham para conseguir o diploma, com a promessa de conseguir algo melhor na vida. Percebia isso todos os dias com meus alunos, o que me impulsionou para contribuir para o aprendizado deles da melhor maneira possível. Espero continuar nessa área no futuro, pois é uma modalidade pouco valorizada pelo governo que menciona a educação de jovens e adultos apenas com campanhas de alfabetização. Desejo contribuir como educadora e pesquisadora e trazer para a sala de aula o que o curso de pedagogia me ensinou e o que minha história de vida acrescentou.

Neste trabalho de monografia proponho trabalhar com a educação de jovens e adultos, a partir do referencial teórico, das experiências em sala de aula e das reflexões dos educandos, o que os impulsiona a voltar à sala de aula depois de tanto tempo, qual é a relação que eles fazem entre a educação e o trabalho e se essa relação contribui para que eles busquem a sua formação.

Acredito que a vida é feita de etapas, e cada vez que concluímos uma delas crescemos um pouco, enquanto estamos traçando o caminho amadurecemos para conseguirmos concluí-lo e conseqüentemente avançar. Com certeza, essa etapa que vivenciei nesses últimos quatro anos trouxe uma perspectiva do que desejo ser daqui pra frente. Sei que ainda há muito que se estudar a respeito do ambiente educativo e as peculiaridades que esse espaço traz, mas desejo continuar, aprimorando e reavaliando minha prática. É de extrema importância entender que nós educadores podemos contribuir para verdadeiras transformações quando de fato estamos comprometidos com o processo.

O período que atuei na ‘‘Educação de Jovens e Adultos’’ trouxe muitas contribuições para minha vida pessoal e profissional, desejo retomar meu trabalho nessa área e conhecer mais desse universo que é a educação, um campo que ainda se tem muito que pesquisar e aprender. Desejo prosseguir os meus estudos na universidade com o mestrado e futuramente com o doutorado.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino cujo objetivo é permitir que pessoas adultas, que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na idade convencional, possam retomar seus estudos e recuperar o tempo perdido em relação à escolaridade.

Oferecer a modalidade EJA nos dias de hoje requer um novo pensar acerca das políticas educacionais e das propostas de inserção desses educandos nas redes de educação pública do nosso país. O que se tem pensado até o momento é que o trabalho pedagógico desenvolvido neste segmento de ensino deve ser de cunho eminentemente “alfabetizatório”, no entanto, alfabetizar é somente a primeira parte do processo, pois a alfabetização por si só, não poderá garantir o desenvolvimento intelectual e social deste educando.

Para uma pessoa adulta que retoma seus estudos, o desejo maior é o de se preparar para o trabalho, de ter autonomia e de se dar bem profissionalmente. A abordagem metodológica neste sentido não deve ser desenvolvida com os mesmos parâmetros utilizados para se trabalhar com crianças. Um aluno com idade de 30 anos, por exemplo, retomando os anos escolares correspondente ao 4º ano do ensino fundamental não se interessará por uma atividade caracterizadamente infantil. Daí a necessidade de abordar conteúdos equivalentes, mas com uma linguagem adulta e que vá ao encontro daquilo que esse público deseja.

A educação é o maior e melhor instrumento gestor de mudança, através dela o homem consegue compreender melhor a si mesmo e ao mundo em que vive, dessa forma, a própria educação deve ser a primeira a aceitar e a acompanhar o desenvolvimento e suas especificidades, ou seja, renovar e promover a interação com o novo.

Educar significa, etimologicamente, revelar ou extrair de uma pessoa algo potencial latente; significa aperfeiçoar uma pessoa, moral e mentalmente de maneira a torná-la suscetível de escolhas individuais e sociais, e capaz de agir em consonância; significa prepará-la para uma profissão, por meio de instrução sistemática; e por fim significa exercitar, disciplinar ou formar habilidades, como por exemplo, aperfeiçoar o gosto de uma pessoa. A ação ou processo de atingir um ou mais destes objetivos é, em primeira aproximação o que se pode entender por educação. (Schultz, 1973, p. 18)

O Brasil já deu um grande passo nas questões que se referem à alfabetização de jovens e adultos, embora continuemos dentro da escala dos países com maior taxa de analfabetos, o adulto que procura a escola não quer apenas aprender a ler e a escrever, o que ele quer e

necessita é de atualização com o contexto social em que vive, precisam se sentir inseridos na sociedade longe de preconceitos.

A defasagem escolar é grande, segundo a Lei 9.394/96 art. 37 “a educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento”, dessa forma, e se realmente acontecesse o que está previsto em lei, teríamos muito mais jovens dentro das escolas. Em consequência do desemprego, a busca pelo ensino profissional e técnico aumentou significativamente. O jovem quer trabalhar, mas falta qualificação e oportunidades, principalmente a de concluir a educação básica e ter parcial domínio das novas tecnologias.

O educando da EJA chega à escola com um aprendizado do cotidiano, das suas atividades diárias e se sente à vontade em um ambiente onde ele tenha condições de mostrar o que sabe e de perceber que o conteúdo abordado dentro da sala de aula tem proximidade com seu dia-a-dia. É levando em consideração que os alunos de EJA já têm suas experiências de vida, que precisamos analisar quais são os objetivos pretendidos por eles a alcançar através da educação, pois eles têm uma vontade de ler e aprender de uma maneira mais ampla. Nesse sentido surgem questões relacionadas à relação que o jovem tem entre a educação e o trabalho e o que se espera do ensino para sua vida profissional.

No entanto, na Educação de Jovens e Adultos oferecida pelo poder público não se percebe a articulação com a educação profissional, o que seria indispensável para que a maioria dos alunos pudesse encarar a EJA como via de mobilidade social. Porém, dada à falta de articulação mencionada Por que então alguns alunos acreditam que estudar vai fazê-los ascender profissionalmente? Que mecanismos culturais estão atrelados à ideia de que “estudar faz crescer”? Como ele percebe a relação educação e trabalho?

A prerrogativa da mudança de vida tão sonhada por muitos se constitui como impulso para que esses alunos continuem sua trajetória escolar. Há a esperança de que ao se tornarem alfabetizados e obter o diploma conquistarão um trabalho melhor; ou até mesmo uma profissão na qual tenham ousado sonhar. Tudo se passa como se a frequência na EJA tornasse as dificuldades socioeconômicas menores e continuar os estudos até a universidade se constitui em algo mais provável.

Nesse sentido, o nosso estudo estabeleceu os seguintes objetivos:

Objetivo geral: identificar as percepções dos alunos de EJA sobre a relação educação e trabalho e suas perspectivas.

Objetivos Específicos:

- 1) Identificar o perfil dos alunos de EJA sujeitos da pesquisa;
- 2) Verificar quais as expectativas dos jovens e adultos no que se refere ao retorno à escola;
- 3) Compreender qual a importância do estudo na vida pessoal e profissional de estudantes de EJA.

Para alcançar os objetivos pretendidos foi realizada uma pesquisa com abordagem qualitativa, entretanto sem ignorar os aspectos quantitativos, quanto à finalidade esta pesquisa apresentou um caráter analítico e descritivo. Foi utilizado como instrumento base um questionário aplicado em duas turmas de EJA, de segmentos distintos do ensino fundamental de uma escola pública de ensino do DF. Em caráter complementar foi realizada uma entrevista com alguns desses alunos por permitir outros possíveis e relevantes questionamentos relacionados ao contexto de cada aluno, sujeito de pesquisa.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

“Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”.(Freire, 1997, p.16).

Essa indicação de Paulo Freire evidencia a necessidade de conhecermos a realidade da EJA e esse é o foco desse capítulo.

1.1 História da educação de jovens e adultos no Brasil

O resgate dessa trajetória nos mostra que foi a partir da década de trinta que a educação de jovens e adultos no Brasil começou a conquistar seu espaço, quando finalmente começa a se consolidar um sistema público de educação primária no país. Este foi um período de grandes transformações para a sociedade brasileira, concomitante ao processo de industrialização e a saída das pessoas do campo para a cidade, para o que viriam a ser os grandes centros urbanos. No início só poderiam estudar filhos de burgueses e pessoas com alto poder aquisitivo, mas a oferta de ensino básico foi crescendo e cada vez mais se estendendo a classe mais humilde da população, alcançando assim os setores mais diversos. Esta ampliação da educação básica foi impulsionada pelo governo federal, que traçou diretrizes educacionais para todo país, determinando as responsabilidades dos Estados e dos Municípios.

A década de 1940 exerceu um papel fundamental na consolidação do ensino para adultos, pois houve grandes avanços na criação de políticas públicas que favoreciam o ensino de jovens e adultos. O Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP), que indicava a abrangência do ensino primário para adolescentes e adultos, com a instituição do supletivo e vários outros projetos surgiram visando a inserção do adulto no mundo letrado. Por exemplo, a campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, que auxiliada pela influência da organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que tinha o objetivo primordial de alcançar os trabalhadores imigrantes do campo e inseri-los na sociedade. Contudo, essa campanha ganhou proporções maiores e acabou servindo, principalmente para reduzir os índices de analfabetismo notificados pelo censo que ocorreu na

década de 40, em que 55% da população acima de 18 anos era analfabeta. (LOPES e SOUZA, 2005).

A promoção da campanha de educação de adolescentes e adultos, criada pelo MEC em 1947 tinha as seguintes estratégias: preparar mão de obra alfabetizada nas cidades, alcançar os imigrantes que trabalhavam nos campos e integrá-los a sociedade, além disso, seu outro objetivo era se constituir como um instrumento para melhorar os índices de analfabetismo apresentados pelo censo. (LOPES e SOUZA,2005).

De qualquer forma, essa foi a primeira grande campanha em prol da educação dos adultos até então pouco valorizada e esquecida pelos governantes, nas palavras de Lourenço Filho, citado por Paiva (1983, p.207):

... Devemos educar os adultos, antes de tudo, para que esse marginalismo desapareça e o país possa ser mais coeso e solidário; devemos educa-los para que cada homem ou mulher melhor possa ajustar-se à vida social e às preocupações de bem-estar e progresso social. Devemos educa-los essa é obra de defesa nacional, porque concorrerá para que todos melhor saibam defender a saúde, trabalhar eficientemente, viver melhor em seu próprio lar e na sociedade em geral.

A educação dos adolescentes e adultos deveria, principalmente, contribuir para promover a melhor integração dessa parcela da população com os conhecimentos sobre o seu país, além de preparar eleitores, pois até essa época, analfabetos não podiam votar, também visava seu aperfeiçoamento no trabalho, seja ele realizado no campo ou na cidade, e até mesmo nos serviços domésticos.

A visão que a Educação de Jovens e Adultos era uma área do ensino em que o Brasil poderia levar adiante e que teria inúmeros benefícios fez com que o Ministério da Educação ainda em 1947, imprimisse em larga escala o Primeiro Guia de Leitura que seria usado na educação supletiva no País e que seria orientada pelo método silábico (BRASIL, 1947). Este método consistia na memorização de sílabas e na remontagem para formar outras palavras. Estas primeiras lições também continham frases montadas com as mesmas sílabas, para que o educando pudesse fazer a ligação das sílabas aprendidas com as palavras das curtas frases.

No final da década de 50 muitos críticos e teóricos começaram a questionar a validade da Campanha de Educação de Adultos tanto no aspecto de sua administração quanto à orientação pedagógica. Afinal, a evolução dos conceitos pedagógicos sobre a EJA já se sobressaía e ficava cada vez mais evidente o caráter superficial do aprendizado dos alunos, além da constatação de inadequação do modelo de ensino para a população adulta e do

mesmo método para as diferentes regiões do país. Então todas essas críticas acerca da educação supletiva fez com que os sábios e teóricos convergissem para uma visão sobre o problema do analfabetismo e também para a educação de jovens e adultos, cuja referência principal é o sábio educador Paulo Freire.

Em 1958, foi realizado o IIº Congresso Nacional de Educação de Adultos, onde foi percebido que a ‘‘Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos’’ não tinha alcançado os objetivos do governo, aumentar o eleitorado e diminuir os índices de analfabetismo indicado no censo dos anos anteriores. Além dos problemas de manutenção da Campanha, remuneração dos professores considerada muito baixa que só serviria para contratar docentes despreparados, o material didático foi extremamente criticado, pela falta de adequação ao contexto dos educandos, associados às péssimas condições estruturais das escolas. Mesmo assim, foi considerado que apesar de toda precariedade da Campanha, houve uma diminuição dos níveis de analfabetismo no Brasil.

Nesse congresso, Paulo Freire fazia parte da delegação de Pernambuco que trazia a proposta de uma educação baseada no diálogo, onde a aprendizagem seria com o aluno e não para o aluno. Com essa perspectiva, queria mostrar que o educando podia ser participante do seu processo educativo, com um trabalho voltado para ele, empregando linguagem adequada para sua vida, onde se percebesse participante ativo do governo e da economia do seu país.

A proposta de Freire para a alfabetização de Jovens e Adultos assim como o seu pensamento pedagógico, inspiraram vários programas de educação popular e de alfabetização no país na década de 60. Os programas de Freire foram empreendidos por intelectuais, católicos e estudantes, onde todos estavam engajados numa ação política de educação popular, tendo como desenvolvedores das diretrizes e conceitos dessa proposta, o MEB- Movimento de Educação Base, ligado à CNBB- Conferência Nacional de Bispos do Brasil e os CPCs- Centros de Cultura Popular, organizados pela UNE- União Nacional de Estudantes. Estes diversos grupos de educadores se articularam e passaram a pressionar o governo federal para que o mesmo pudesse apoiá-los e para que pudesse estabelecer uma coordenação nacional das iniciativas ali presentes. Em janeiro de 1964, foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização que previa a disseminação por todo o Brasil de programas de alfabetização orientados pela proposta de Paulo Freire.

Paulo Freire elaborou uma proposta de alfabetização de adultos, cujo princípio básico pode ser traduzido numa frase sua: “ A leitura do mundo procede a leitura da palavra”. Freire era contra a educação somente para educar, tratando o educando como um sujeito nulo e sem cultura, pois era necessário primeiro saber como vivia e como era o mundo do sujeito da aprendizagem para que depois o professor pudesse intervir no ensino daquele ser.

Com o golpe militar de 1964, grande parte dos programas vinculados ao fortalecimento de uma cultura popular foram reprimidos, eram aceitos apenas programas de alfabetização assistencialistas e conservadores. O MEB sobreviveu por estar ligado à igreja católica e ao MEC, mas devido a escassez de recursos grande parte das duas atividades estavam encerradas em 1966.

Em 1967, durante o governo militar foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que tinha como objetivo erradicar o analfabetismo. Era baseado em um sistema de comissões, que tinham a responsabilidade de instalar o Mobral nos municípios. Durante a década de 70, o Mobral expandiu-se por todo o território brasileiro, atuando de diferentes formas em cada âmbito. Paralelamente ao Mobral, os grupos que eram dedicados à educação popular continuaram a realizar experiências pequenas e isoladas de alfabetização de adultos com propostas mais críticas, desenvolvendo os métodos de Paulo Freire. Freire, que fora exilado seguia seu trabalho na Educação de Jovens e Adultos no Chile, posteriormente em países africanos.

Em 1971, foi implementada a lei 5.692/71 que abordava a questão do Ensino Supletivo, considerada um marco para época, pois dedicava um capítulo inteiro a educação de jovens e adultos e, artigos específicos, para a continuação dos estudos daqueles educandos que já estavam alfabetizados.

Durante o período militar, a educação de jovens e adultos adquiriu pela primeira vez na sua história um estatuto legal, sendo organizada em capítulo exclusivo da lei nº 5.692/71, intitulado ensino supletivo. O artigo 24 desta legislação estabelecia com função do supletivo suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tinha conseguido ou concluído na idade própria. (Vieira, 2004, p. 40)

Com o passar do tempo, já na década de 80 com a emergência dos movimentos sociais e o início da reabertura política, as experiências foram se ampliando, foram podendo ser trocadas em grupos mais próximos. Alguns Estados maiores ganhavam também autonomia com relação ao Mobral e começavam a introduzir novas práticas e novos métodos de ensino. Sem força para continuar com o programa, desacreditando nos meios políticos e educacionais

o Mobral é extinto em 1985 e surge a Fundação Educar que viria dar mais apoio técnico e financeiros as pesquisas da EJA.

A nova Constituição de 1988 trouxe grandes avanços para a educação além de garantir um ensino fundamental obrigatório e gratuito, garante constitucionalmente o ensino fundamental àqueles que não tiveram condições de frequentar a escola na idade apropriada.

Em 1997, foi criado o “ Programa Alfabetização Solidária” com apoio da UNESCO, com o objetivo de erradicar o analfabetismo na população entre 15 e 19 anos. O projeto conta com a parceria do MEC, prefeituras e universidades e uma ampla supervisão dos seus recursos e atividades realizadas. (LOPES e SOUZA,2005).

Com objetivo de priorizar a educação de Jovens e Adultos, em 2003, o MEC lançou o “ Programa Brasil Alfabetizado”, com operacionalização da Secretaria Extraordinária Nacional de Erradicação do Analfabetismo (SEEA/MEC), juntamente com órgãos governamentais e não governamentais experientes nessa área de alfabetização de jovens e adultos. Em 2007 o “Brasil Alfabetizado” passou, a ter dois focos centrais: os jovens e adultos na faixa de 15 a 29 anos; e o Nordeste, região que concentra 90% dos municípios com os mais altos índices de analfabetismo. (LOPES E SOUZA, 2005).

Em 2010, ocorreu a Conferência Nacional de Educação (CONAE). Em 2011, foi a vez da mobilização pela aprovação, do PNE (PL, 8035/2010) e a defesa de, 10%, do PIB, para a educação, além da ampliação e reformulação das metas, ocorreram também iniciativas de articulação na diversidade na EJA: trabalhadores, urbanos, população da educação nas prisões indígenas, pessoas com deficiência, população do campo, população negra, quilombolas, LHGBT e catadores de materiais recicláveis. Há também uma ampliação de parte das Universidades públicas federais e estaduais na realização de programas de ensino, pesquisa e extensão, na graduação e pós-graduação incentivada pela criação da rede nacional de pesquisa Proeja/Capes,/SETEC. Deve-se mencionar ainda a criação dos Centros de referência, documentação e memória da educação popular, Educação de Jovens e Adultos e movimentos sociais.

1.2 Aspectos metodológicos, econômicos, políticos e sociais que norteiam o ensino de Jovens e Adultos (EJA).

Com o histórico da Educação de Jovens e Adultos percebe-se que em todos os programas criados com intuito de alfabetizar os jovens e adultos, em poucos momentos, buscou-se um trabalho pedagógico verdadeiramente voltado às necessidades desses educandos. O objetivo era somente ensinar a ler e escrever, sem necessariamente obter resultado satisfatório, que seria ensinar para a cidadania, onde cada educando se percebesse como alguém que pode contribuir para o melhoramento do seu meio social.

Buscar uma educação que realmente valorize o sujeito da educação sempre fez parte da pauta de discussões dos diversos encontros realizados em toda a história acerca dos jovens e adultos, contudo, nada de efetivo foi feito para tornar essa proposta concreta.

Segundo Paiva (1983) a educação visava, primeiramente, diminuir os índices de analfabetismo no Brasil, além de proporcionar às pessoas a condição de eleitor, já que analfabeto não votava. Dessa maneira, bastava-se aprender o básico, ficando de fora toda a bagagem que um jovem e um adulto poderiam trazer de todo o processo de vida.

Paulo Freire, durante anos escreveu livros com propostas para uma educação transformadora, que preconiza que o adulto participa das decisões do país e, portanto, ele precisa ter um tipo de educação que o valorize como um sujeito do seu próprio conhecimento, um sujeito que tem perspectivas futuras. É por isso que Freire traz a proposta da educação libertadora.

Durante muitos anos, o aluno foi tratado como uma tábua rasa ou um recipiente, onde bastava somente o educador enchê-lo de conhecimento que o não compreendia e nem ao menos questionava. A educação era apenas para aprender a ler, escrever e contar, sem a necessidade de questionamentos ou reflexões sobre a relevância daquele aprendizado.

De acordo com Freire, a educação deve trazer aproximação entre o que é discutido em sala e o público ao qual se destina, dessa maneira, na educação de Jovens e Adultos, quanto maior for o tipo de envolvimento entre o que ele estuda e o ambiente em que vive, melhores condições terá de compreender seu espaço de cidadão na sociedade e refletir sobre sua realidade.

Na sua proposta de educação problematizadora, o educando é instigado pelo educador a sempre pensar sobre sua história, sua realidade vivida, para dessa forma compreender o seu papel no mundo. O educador é um mediador, auxiliando o educando na decodificação do conhecimento adquirido para aproximar o conhecimento da realidade vivida pelo educando é

importante que o educador mantenha o diálogo aberto. O educando precisa desse meio, para que não se sinta um objeto da sua história, mas o próprio sujeito, capaz de repensá-la a todo o momento.

Por exemplo, quando ele vê na sala de aula o educador falar sobre a história do Brasil, a política, a economia, o educando tem todas as condições de se expressar, falar o que ele pensa acerca da política do país, sobre os problemas que o nosso país enfrenta, pois, ele convive com isso todos os dias, quando vai comprar um produto no supermercado, colocar gasolina no carro ou até mesmo vive em uma comunidade que constantemente reclama a respeito da falta de cuidado que os políticos têm com aquele lugar. Se o educador souber apresentar esse conteúdo em sala e dar voz ao educando, cada um terá condições de se sentir à vontade e no direito de se expressar.

O fato de existir políticas e iniciativas ao longo da história que visam à complementação da formação escolar para jovens e adultos implica que o universo da educação no Brasil é excludente. Noutras palavras, as classes menos favorecidas, basicamente trabalhadores de baixa renda, juntamente com etnias pardas, negras e mestiças em geral, estão excluídas de uma práxis verdadeiramente educativa e de consciência transformadora. A consequência é uma educação elitizada, ou melhor, uma educação de qualidade cujo acesso está focado nas elites, de um lado, e uma educação precária e de qualidade questionável para as camadas populares, de outro. Os trabalhadores, sobretudo, recebem aquilo que para eles está previamente definido por uma sociedade estruturada pelo capitalismo, ou seja, aos trabalhadores, é destinado um tipo específico de educação: fragmentada, superficial, de baixíssima qualidade, formatada para a composição de um exército de reserva de mão de obra barata e disponível a qualquer tempo.

A história do capitalismo é, antes de mais nada, a história do esforço da classe capitalista em controlar e disciplinar a classe trabalhadora, para que aceite desempenhar um trabalho, o mais diligente possível e que esses trabalhadores conformem-se com o fato de que os produtos desse trabalho sejam apropriados pelos capitalistas e apenas a eles gere riquezas. (WOLFF, 2004, p.2)

O aspecto econômico, portanto, determina políticas globais. Essas políticas são agregadas ao Estado em forma de gestão, ou de modelo de administração. Embora a aplicação dessas políticas adquira variações conforme os Estados possuem em comum, a necessidade de certificações para o trabalho, em escala global.

A nossa realidade atual, visa um trabalhador de formação educativa precária, contanto que certificada o que no limite, é uma escolarização questionável. Não é preciso necessariamente competência e sim ser levado a acreditar que quanto maior a escolarização, maior será a possibilidade do emprego. E posteriormente, independente de sua competência ou certificação, trabalhar o máximo para receber o mínimo possível, seja na forma de salários ou na forma de direitos trabalhistas e sociais.

Entendo que o público mais exposto a essa lógica de violência mercantil são os estudantes da EJA. Primeiro porque nessa modalidade, concentra-se o estudo-trabalho sob uma perspectiva de urgência, em função da necessidade de obter certificação na intenção de uma colocação melhorada, ou apenas uma colocação no universo do emprego. De certa forma, essa necessidade é ideológica, pois é dito que sem essa certificação básica, nada se consegue, mas nada garante que obtendo a certificação, o emprego está assegurado. E quando esse emprego existir, será de considerável nível de exploração, seja através do trabalho sem regulamentação, seja em jornadas de trabalho formal e com baixos salários.

Aqui, a questão crucial, sob o domínio do capital, é assegurar que cada indivíduo adote como suas próprias às metas de reprodução objetivamente possíveis do sistema [...] trata-se de uma questão de “internalização” pelos indivíduos [...] da legitimidade da posição que lhes foi atribuída na hierarquia social, juntamente com suas expectativas “adequadas” e as formas de conduta “certas”. [...] As instituições formais de educação certamente são uma parte importante do sistema global de internalização. (MÉSZAROS, 2005, p. 44)

É nesse sentido que se torna fundamental uma educação de qualidade para o público de EJA, pois para eles não há muitas alternativas. Estão de passagem, justamente porque anteriormente, no que seria o prazo normal de sua formação educativa, o Estado se fez ausente, seja pela necessidade de trabalho, seja pela falta da escola pública de qualidade, seja por diversos fatores excludentes. Por outro lado, o estudante de EJA é um público muito heterogêneo, o que dificulta, tanto pela transitoriedade do ensino quanto pelas diferenças etárias e culturais, qualquer integração em nível de classe trabalhadora apta a reclamar por melhorias em seus estudos e uma colocação efetiva, a partir da escola, no mercado de trabalho.

Se a divisão social e técnica do trabalho é condição indispensável para a constituição do modo capitalista de produção, na medida em que, rompendo a unidade entre teoria e prática, prepara diferentemente os homens para que atuem em posições hierárquica e tecnicamente diferenciadas no sistema produtivo, deve-se admitir como decorrência natural deste princípio a constituição de sistemas de educação marcados pela dualidade estrutural. No Brasil, a constituição do sistema de ensino não se deu de outra forma. (KUENZER, 1991, p.8)

Diante de todo esse panorama da realidade educacional brasileira da educação de Jovens e Adultos, um tanto negativo, vale afirmar que para se conseguir superar ou amenizar o déficit tem que se dar uma atenção especial a uma proposta de currículo construído de forma competente e que de certa forma responda a uma realidade que não é simples, nem homogênea, nem pacífica. Portanto, não cabe um currículo pautado em uma concepção de educação compensatória de jovens e adultos. Ele deve contemplar o educando no que diz respeito ao seu modo de vida, a sua cultura, as condições de trabalho. Deve reconhecer a existência das discriminações sociais, étnicas, de gênero e outras muitas vezes reforçadas nas escolas, ou seja, deve alcançar a relação entre educação e trabalho que se faz presente na vida desses alunos.

RELAÇÃO EDUCAÇÃO E TRABALHO NO BRASIL

O presente capítulo tem por objetivo trazer a luz elementos que caracterizaram a relação educação e trabalho em nosso país, fazendo-se necessário um breve resgate de sua história para compreendermos essa relação até os dias atuais.

2.1 Trajetória histórica

O tema educação e trabalho tem sido objeto de debate sob diversos olhares e abordagens teóricas considerando, em especial, as transformações que ocorrem no interior dessa relação ou em decorrência de uma maior ou mais conflituosa proximidade entre as duas partes.

Assim, para efeito da reflexão que propomos sobre a relação Educação e Trabalho, o trabalho é entendido como a atividade do homem pela qual ele transforma a natureza e é, ao mesmo tempo, por ela transformado. É a maneira pela qual o homem se relaciona com a natureza com a intenção de transformá-la e adequá-la às suas necessidades vitais. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz a sua própria vida material e espiritual. Nesse sentido, a noção de produção pelo trabalho não apenas diferencia o homem dos animais, como também o explica: é pela produção que se desvenda o caráter social e histórico do homem, e é também pela produção que o homem estabelece relações com seus semelhantes e produz conhecimentos, constrói a sociedade e faz história.

Entretanto, se o trabalho tem este sentido de valor de uso, de produção de vida, outro sentido menos nobre lhe foi atribuído através da história. Com o advento do capitalismo o trabalho foi transformado em mercadoria, em valor de troca, e nessa condição é para a grande massa de trabalhadores, um tormento e um processo alienador (Frigotto, 1996, p. 153). O trabalho transformado em mercadoria é a força de trabalho extraída do sujeito trabalhador pela qual ele recebe um salário e não tem nenhum poder de controle sobre o processo e o produto de trabalho. O capitalista, o dono dos meios de produção, compra a mercadoria trabalho e o transforma em outras mercadorias e, nessa circulação, gera o seu lucro. Nesse

processo, na medida em que despende mais energia no trabalho do que recebe por ele em forma de salário para repor a energia gasta, esse processo é o que denominamos emprego, um conceito que surgiu por volta da Revolução Industrial, é uma relação entre homens que vendem sua força de trabalho por algum valor, alguma remuneração, e homens que compram essa força de trabalho com o salário.

Os estudos tem ênfase nas transformações gerais e radicais pelas quais o mundo do trabalho vem passando desde o final do século XX e o início deste, mostrando que o ritmo acelerado de reordenamento econômico em escala mundial e de modernização tecnológica tem alterado completamente o perfil da oferta de emprego e do trabalhador, requerendo uma nova educação. Atualmente no Brasil o que vem ocorrendo é uma divisão cada vez mais delineada da população, agrupando de um lado, trabalhadores altamente qualificados e de outro lado trabalhadores analfabetos ou semianalfabetos com subempregos ou sem trabalho.

Desde o momento que surge educação diretamente ligada ao trabalho se estrutura o ensino regular para uma finalidade bem específica como descreve Kuenzer (1991, p.6): para preparação dos pobres, marginalizados e desvalidos da sorte para atuarem no sistema produtivo das funções técnicas localizadas nos níveis baixo e médio da hierarquia ocupacional. Esses futuros trabalhadores seriam a clientela, por excelência de curso de qualificação profissional de duração e intensidade variáveis, que vão desde cursos de aprendizagem aos cursos técnicos.

O desenvolvimento industrial já se iniciou desigual, a maioria das escolas de aprendizes localizou-se em estados onde quase não existiam indústrias. Então, a localização das escolas de aprendizes e artífices, era sempre nas capitais, obedeceu a critérios políticos mais do que a critérios de desenvolvimento urbano e sócio econômico. A criação dessas escolas foi a preocupação do Estado em oferecer alguma alternativa de inserção no mercado de trabalho aos jovens oriundos das camadas mais pobres da população.

Essas escolas se caracterizam por uma proposta curricular eminentemente prática onde as preocupações com a formação teórica raramente aparecem. Em 1942 todas as escolas que haviam sido criadas anteriormente passaram a oferecer técnicas além dos cursos industriais básicos e dos cursos de aprendizagem.

Até essa época verifica-se que a educação para o trabalho é atribuição específica de um sistema federal técnico, complementado por um sistema privado de formação

profissional. Ainda era mantida a separação entre “ educação ” e “ formação profissional ” como expressão de divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, através da existência de um sistema de ensino como dois ramos equivalentes, porém, diferenciados de um sistema privado de qualificação para trabalhadores.

Dessa forma os jovens e adultos eram preparados para exercer funções diferenciadas, intelectuais ou manuais. Podemos compreender, portanto que não havia uma articulação entre a relação educação e trabalho; era educação para burguesia e formação profissional para o povo.

A concepção de trabalho estava relacionada ao desprestígio social, em que apenas aqueles desprovidos de recursos se submetiam ao esforço físico. Nesta concepção a educação sempre esteve separada do trabalho. Para aqueles que não necessitavam trabalhar, a educação era escolar, preparatória para a universidade, para o exercício de funções sociais elevadas na sociedade. Para os trabalhadores não se reconhecia a necessidade de educação escolar por parte do Estado, pois consideravam que as atividades reprodutivas não queriam formação intelectual.

Segundo esta lógica, as maiorias dos cursos eram "excessivamente acadêmicos" e não preparavam para o exercício das funções produtivas, não atendendo às necessidades do mercado de trabalho, o que se considera um dos fatores explicativos para a crise econômica em que mergulhara o país. (KUENZER, 1991, p.12).

O Brasil em 1964 atravessou por uma crise econômica, assim fazia-se necessária uma reestruturação que adotasse o ensino, em todos os níveis, de maior racionalidade, constituindo-se em fator de desenvolvimento individual e social, através da constituição de um sistema educacional que diminuísse a demanda pelo ensino superior e substituísse o caráter acadêmico pela formação profissional já no 2ª grau. Para Carvalho (2003, p.81), os anos 60 foram marcados por iniciativas educacionais pautadas na concepção de educação como investimento, baseada nas teses da Teoria do Capital Humano. Com uma educação voltada para o desenvolvimento econômico e atendimento dos interesses de mercado, há generalização da profissionalização de 2º grau. Generalização de caráter imediatista, sem a preocupação de oferecer um ensino profissional de qualidade.

Em 30 de março de 1971 surgiu a lei nº 5.692/71 que pretendeu romper com a dualidade entre trabalho e educação com o objetivo que se tornasse um sistema único, por onde todos pudessem ter acesso ao trabalho independente da sua origem de classe, cuja

finalidade era educação para o trabalho através da habilitação profissional conferida pela escola, definindo uma nova forma de relação entre educação e trabalho neste nível : O compromisso da escola com a formação profissional independente da classe social em que pertence o aluno.

O fato da dualidade estrutural não ter sido resolvido interior do sistema de ensino, apesar da tentativa feita pela Lei nº 5.692/71, não deve causar espanto, na medida em que ela apenas expressa a divisão que está posta na sociedade brasileira, enquanto separa trabalhadores intelectuais e trabalhadores manuais e exige que se lhes dê distintas formas e quantidades de educação.(KUENZER, 1991,p.16)

No ensino de segundo grau se a relação entre educação e trabalho não estava resolvida, pelo menos já havia a clareza que a formação do cidadão trabalhador exige ao nível da educação fundamental a aquisição dos instrumentos básicos de leitura, escrita e cálculo com vistas à compreensão e participação na vida social e reprodutiva.

No ano de 1996, com a promulgação da Lei nº 9.394, a atual LDB, a educação básica passa a ser “ dever do Estado e um direito da população, ampliando a obrigatoriedade do ensino fundamental para aqueles que não tiveram a oportunidade de cursá-lo na idade própria e sua implementação gradativa no ensino médio” (CARVALHO, 2003, p.82).

2.2 Educação e trabalho: conceitos e definições

A história da educação pode ser confundida com a própria história do trabalho, quando consideramos esse como Saviani (2007, p. 154) “[...] o ato de agir sobre a natureza em função das necessidades humanas [...]”. O trabalho surge a partir do momento em que o homem deixa de ser exclusivamente coletor e passa a transformar a natureza em função de suas necessidades. A educação surge como necessidade direta à sobrevivência, pois é através dela que os conhecimentos adquiridos através da observação prática do ensino-aprendizagem são apropriados pelas novas gerações.

Ainda segundo Saviani (2007, p. 154), o trabalho e a educação são atividades especificamente humanas, porém não são inatas ao homem, são atributos construídos por ele mesmo e o trabalho é o fator desencadeante desse processo da construção da humanidade. Portanto, se o trabalho se configura como um processo essencialmente educativo, humanização, trabalho e educação são elementos complementares.

Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto de trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo. (SAVIANI, 2007, p.154)

De acordo com os estudos de Marx (2005), o trabalho é o que identifica o homem, é pela realização do trabalho que o homem se realiza, ou seja, a partir da interação do homem com a natureza para garantir sua subsistência. No entanto, ao analisar o trabalho, mediante as relações desenvolvidas no sistema de produção capitalista, Marx (2005) afirma que o trabalho caracteriza-se como alienado, uma vez que, o seu desenvolvimento passa a negar a própria existência humana. A contradição instalada pelo capitalismo tira do homem o seu trabalho em troca de um pagamento, e esta relação se dá, eminentemente, pela exploração do trabalhador, sendo este entendido como mera mercadoria, capaz de gerar lucro ao capital. Tal fato pode ser entendido a partir da lógica de valorização do capital, em detrimento do trabalho humano.

Segundo Kuenzer (1991, p.32), a escola, mediante o sistema capitalista dominante, historicamente vem se organizando de acordo com as mudanças ocorridas nos modos de produção e funcionamento do setor produtivo gerando, com isso, prejuízos incalculáveis à formação do indivíduo/cidadão e ao desenvolvimento da sociedade uma vez que a incorporação de princípios econômicos à instituição escolar resulta na negação de sua essência, pois à medida que traz para sua realidade, mecanismos voltados ao atendimento das necessidades produtivas do sistema ela contradiz sua especificidade de instituição formadora ao gerar uma educação restrita e condicionada ao cumprimento da alienação humana.

A educação no Brasil, ao longo de sua trajetória, sofreu mudanças e adaptações aos modelos de organização e desenvolvimento do trabalho realizado no setor produtivo capitalista. Nessa lógica, constatamos, por exemplo, que a organização do trabalho escolar, dependendo do contexto sócio-político e econômico do país, assume características diferenciadas, tendo em vista as exigências postas ao processo de produção.

Nesse sentido, as práticas educacionais desenvolvidas nas escolas públicas brasileiras tornam-se um meio de aperfeiçoar a produtividade da empresa em detrimento do trabalho que agora é ainda mais explorado, sob o discurso da responsabilidade, cooperação, espírito de iniciativa, capacidade de prevenção, entre outras características peculiares a nova organização do trabalho que se estende aos diversos setores sociais.

Na atualidade se faz necessário fortalecer as bases da aprendizagem para toda a vida, melhorando o acesso à educação na primeira infância, particularmente para as crianças em desvantagens, dando apoio ao crescimento da aprendizagem formal e informal; promover enlaces entre a aprendizagem e o trabalho, estabelecendo as rotas e pontes que facilitam um movimento mais flexível entre a educação e capacitação para o trabalho, melhorando os mecanismos para a avaliação e reconhecimento das habilidades e competências dos indivíduos, que se adquirem através da aprendizagem formal e informal; reformular as funções e responsabilidades de quem proporciona oportunidades para a aprendizagem; criar incentivos para os indivíduos, empresários e para todos aqueles que proporcionam educação e capacitação, para investir mais em aprendizagem para toda a vida.

É dessa maneira que precisamos compreender a educação de jovens e adultos. A situação atual demonstra que o Brasil ainda não conseguiu garantir, na prática, a educação à todas as pessoas, como garante a Constituição. Milhões de pessoas espalhadas por este imenso país, ainda não foram alcançadas por um dos direitos sociais previsto na Carta Maior em seu artigo 6º, que é a educação. Mas porque existem tantas pessoas que foram excluídas do processo de alfabetização? O que gerou a posição social que tais pessoas ocupam? As respostas para essas e outras perguntas podemos possivelmente encontrar olhando para o passado. A História se faz necessária para que possamos olhar para o passado para entender o presente. Para isso se fez necessário à investigação da relação educação e trabalho no passado e o início da educação de jovens e adultos no Brasil, esses dois processos quando relacionados nos possibilitam a compreensão da educação de jovens e adultos na atualidade.

Muitos desafios se interpõem à perspectiva dessa nova relação educação e trabalho. É necessária uma revolução na educação. Um desses desafios é o de integrar o trabalho com a educação dos jovens e adultos considerando-se que, diferentemente das crianças, a principal atividade destes é ou deveria ser o trabalho, na educação de jovens e adultos, há que se perseguir a construção de um sistema de educação flexível, permanente e unitário, no qual a perspectiva sempre presente é o rompimento com o elitismo e academicismo; um sistema onde o próprio trabalho produtivo dos alunos – práxis humana – seja a matéria-prima e a finalidade da educação. Educação, nessa perspectiva, deve oportunizar alternativas e caminhos a todos, para que os alunos da EJA possam ser, todos e cada um, dirigentes das suas escolhas.

“Trata-se do desafio de articular dialeticamente a prática com a teoria, o fazer com o saber, o agir com o pensar, condição indispensável para a formação de sujeitos autônomos, eficientes e criativos.”(ARRUDA, 1987,p.72).

É preciso que nós, educadores, estejamos atentos ao momento histórico vivenciado, promovendo a interação de conteúdo trabalhado, vivências e contexto social. É relevante que reflitamos sobre nossas próprias práticas, sobre os desafios que nos são postos no plano da ação concreta. O contexto mutante em que vivemos nos indica caminhos que envolvem riscos. De um lado, os educadores são chamados a uma ação pragmática diante da realidade excludente no mundo do trabalho e no mundo da educação. São chamados a executar propostas de educação concebidas de modo aligeirado sob pressão do próprio senso comum das classes populares que anseia urgente por novas condições de sobrevivência, ou sob a pressão da demanda do capital que anseia por novas formas de superação da crise de suas taxas de lucro. De outro lado, os educadores enfrentam os riscos de caírem na fantasia de propostas de ação educativa descoladas do real que, no resultado se identifica com o imobilismo que não leva a nada.

PROCEDIMENTOS TÉCNICOS – METODÓLOGICOS

Neste capítulo são descritas o tipo de pesquisa e as estratégias metodológicas adotadas na pesquisa empírica e na análise dos dados obtidos.

3.1 Delineamento da pesquisa

Para melhor caracterização da pesquisa foi usado uma abordagem qualitativa, sem, entretanto, ignorar os aspectos quantitativos levantados. “Entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico ou segundo sua estruturação”, segundo OLIVEIRA (2005, p.37)

Quanto à finalidade esta pesquisa apresentou um caráter descritivo e analítico “processo que implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados”, segundo OLIVEIRA(2005,p.37)

É necessário destacar que a presente pesquisa, como afirmado anteriormente, partiu da necessidade de compreender como os alunos da Educação de Jovem e Adultos percebem a relação entre a educação e trabalho e a contribuição desses fatores sociais em suas vidas.

Para a sua realização foi utilizado como instrumento base da pesquisa, um questionário, tendo em vista ser este “(...) uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo”. ”, conforme OLIVEIRA (2005 p. 83-84).

Com o objetivo de facilitar aos alunos no preenchimento do questionário foi elaborado um questionário com questões fechadas e, para os alunos da 4ª série foi solicitado a colaboração da professora da turma para leitura do mesmo.

Foram elaboradas sete perguntas fechadas, com o objetivo de identificar o perfil desses alunos, a relevância que eles atribuem à questão do trabalho e a relação com a procura por esta modalidade de ensino; a socialização na EJA: expectativas dos alunos e conseqüentemente, o valor atribuído à escola.

Foi utilizada em caráter complementar, a entrevista “(...)por permitir a interação entre pesquisador (a) e entrevistado (a) e a obtenção de descrições detalhadas sobre o que se está pesquisando.” OLIVEIRA (2005 p.87-88).

Esse tipo de abordagem fez-se necessária para direcionar os assuntos referentes aos objetivos desse estudo, de modo que não se tornasse também um sistema de perguntas fechadas, sem margem a outros possíveis e relevantes questionamentos relacionados ao contexto de cada aluno, sujeito de pesquisa.

As perguntas foram do tipo semiestruturadas e tiveram como pontos principais: Conhecer o perfil dos entrevistados; os valores atribuídos à educação, os motivos que os levaram a frequentar a escola na modalidade de EJA, cruzar alguns dados para analisar as diferenças pelos alunos de EJA do primeiro e segundo segmento, verificar se as razões de saída e retorno são as mesmas entre os dois grupos e as expectativas que eles têm no que diz respeito aos estudos.

3.2 Universo da pesquisa: local e participantes

A educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que se divide em segmentos, sendo o primeiro segmento de primeira à quarta série, o segundo segmento de quinta a oitava e o terceiro do primeiro ao terceiro ano do ensino médio. A idade mínima para ingresso na EJA é de 15 anos para o ensino fundamental e 18 anos para o ensino médio.

Responderam ao questionário da pesquisa 40 (quarenta) educandos sendo 18 (dezoito) da quarta série, 1º segmento e 22 (vinte e dois) da 8ª série, 2º segmento.

Foram entrevistados 4(quatro) alunos da 4ª série e 4(quatro) alunos da 8ª série, perfazendo um total de 8 alunos.

Os dados foram coletados no Centro de Ensino fundamental 316 de Santa Maria. A Escola é pública e atende no período matutino e vespertino do 6º ao 9º ano e oferta a educação

de jovens e adultos no período da noite. A oferta da EJA só aconteceu a partir de 2008, quando a escola passou por uma reforma sendo ampliada, de 12 salas passou a ter 17 salas, desde então o centro de ensino 316 passou a oferecer no período noturno o primeiro e o segundo segmento de EJA.

O curso presencial de EJA está organizado da seguinte forma:

- 1º segmento/ Ensino Fundamental – Anos Iniciais: duração de quatro semestres, com carga horária de 1.600 (mil e seiscentas) horas.
- 2º segmento/ Ensino Fundamental – Anos Finais: duração de quatro semestres, com carga horária de 1.600 (mil e seiscentas) horas.
- 3º segmento/ Ensino Médio: duração de três semestres, com carga horária de 1.200 (mil e duzentas) horas.

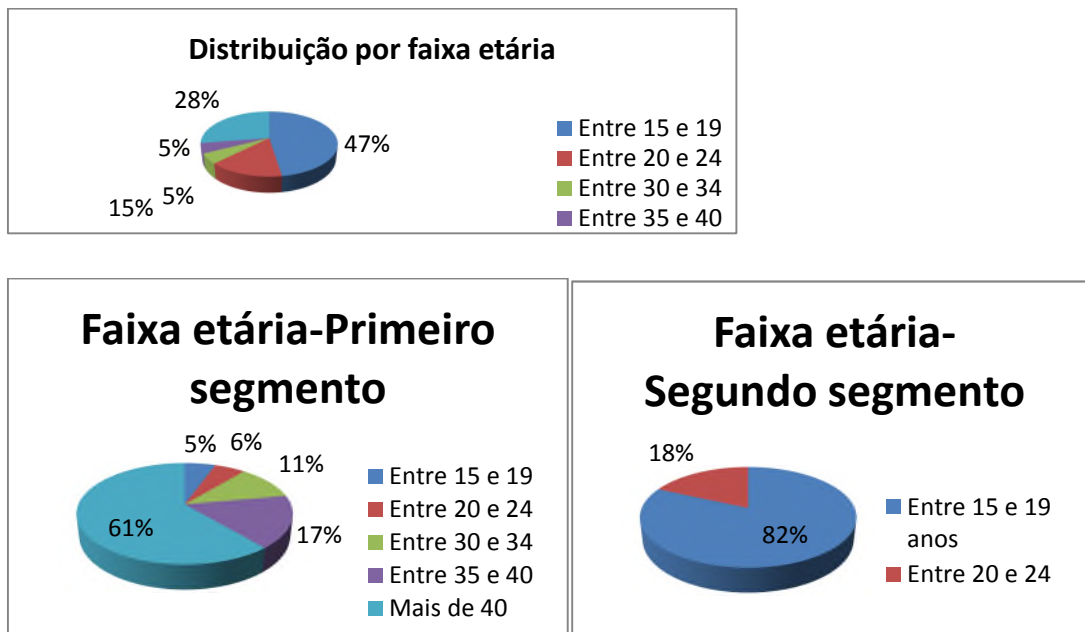
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Análises dos dados

Nesse tópico apresentamos e analisamos os resultados da pesquisa. Para realizar essa tarefa organizamos os dados coletados em categorias, a saber: 1-perfil do educando de EJA; 2-Razões para abandonar os estudos; 3-Razões para o retorno aos estudos; 4-Importância dos estudos para vida ou profissão; 5-Perspectivas de Futuro;

4.2 Perfil dos educandos

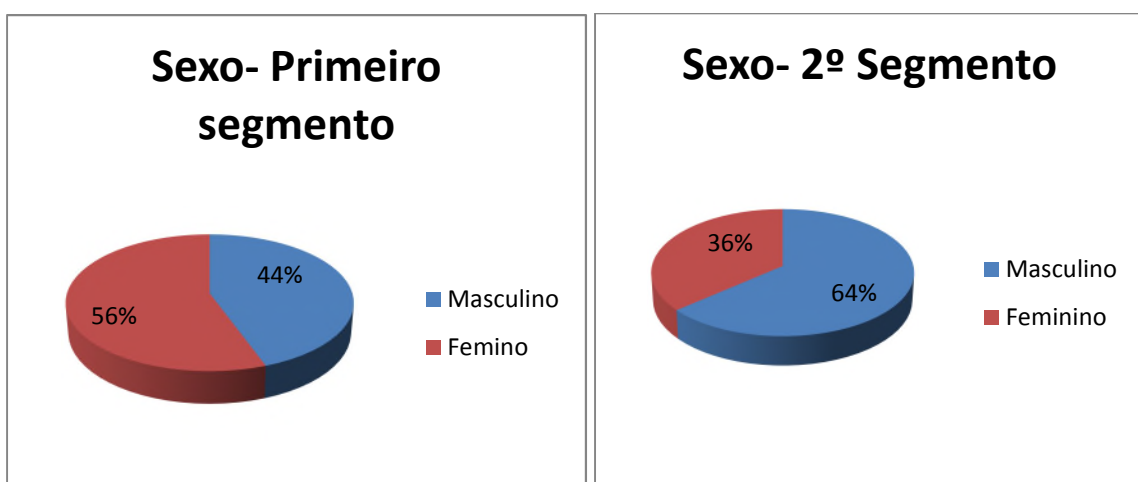
A educação de jovens e adultos, modalidade de ensino na qual ocorreu à pesquisa, tem por característica marcante no primeiro segmento a evasão escolar. Essa evasão é provocada, sobretudo, pela necessidade de cumprir com as obrigações de sobrevivência. O ingresso precoce no mundo do trabalho influenciou alguns dos alunos pesquisados a abandonar a escola ainda crianças ou jovens, por isso, faz-se necessário identificar esses alunos.



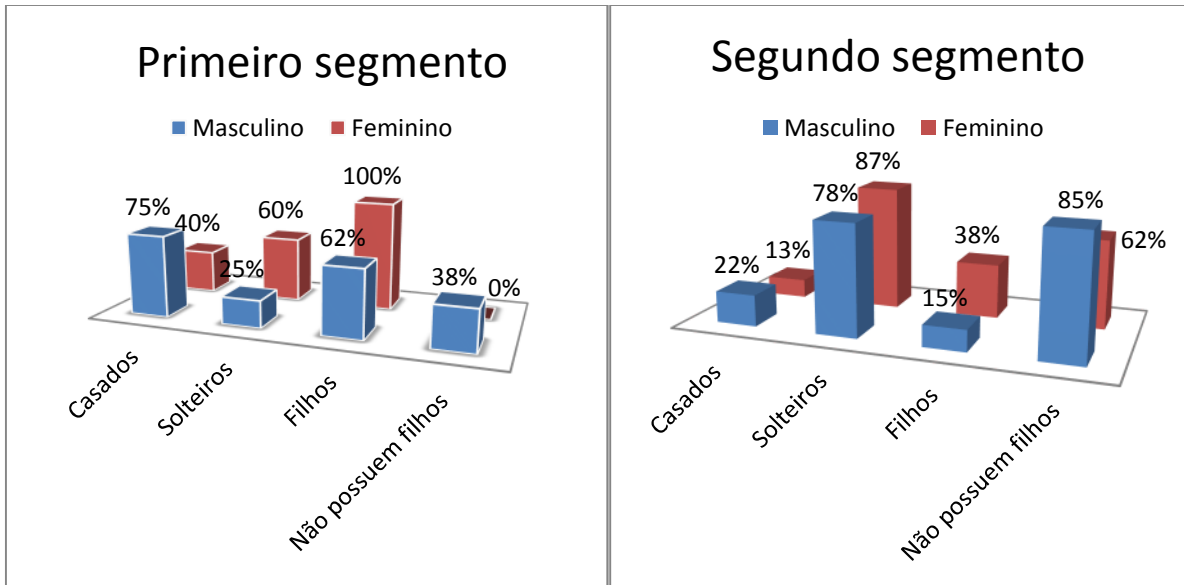
FIGURAS I, II e III: Distribuição por faixa etária

A figura I demonstra a grande incidência de jovens que procuram a Educação de Jovens e Adultos, 47% dos participantes da pesquisa estão na faixa entre 15 e 19 anos, é um público muito jovem, se comparado, a idade com que os jovens se formam no ensino regular, entre 17 (dezesete) e 19 (dezenove) anos. Pode-se perceber que cada vez mais cedo, os jovens procuram instituições que trabalham com um currículo mais curto e que proporciona o término do 1º (primeiro) e 2º (segundo) segmento mais cedo. No caso da instituição pesquisada, leva-se cerca de dois anos para concluir o primeiro segmento e o mesmo período para concluir o ensino fundamental (5º ao 9º ano).

Outro grupo pesquisado, que também apresenta maior índice na pesquisa, são os adultos com mais de 40 (quarenta) anos, 28% só puderam retornar aos estudos depois de muito tempo fora da escola. Os alunos com mais de 40 anos são os alunos da 4ª série e os alunos mais jovens que estão na faixa de 15 (quinze) a (dezenove) anos são os alunos que estão cursando a 8ª série. Essa questão podemos concluir observando a figura II e III, que se encontram as idades separadas por segmento, desta forma podemos concluir que os alunos entre 15 e 19 anos se encontram por sua maioria no segundo segmento, com um índice de 82%. No primeiro segmento os alunos entre 15 e 19 anos corresponde a 5% a maioria dos alunos da 4ª série possuem mais de 40 anos correspondendo 61% dos alunos e apenas nesse segmento aparece o perfil entre 30 (trinta) e 34 (trinta e quatro) anos com 11% e entre 35 (trinta e cinco) e 40 (quarenta) com 17%.



FIGURAS IV e V- SEXO



FIGURASVI e VII – SÃO CASADOS (as) OU SOLTEIROS (as)? POSSUEM FILHOS?

Segundo respondido pelos participantes da pesquisa, quanto ao estado civil, quantidade de filhos e sexo,(figuras IV, V, VI e VII) a maioria dos participantes do primeiro segmento 56% é do sexo feminino, 60% solteiras e todas possuem filhos(100%).Os participantes do primeiro segmento homens correspondem44% dentre eles 75% são casados e 62% possuem filhos. A quantidade de filhos varia entre 1 (um) a 5 (cinco) filhos.

No segundo segmento a maioria dos alunos são do sexo masculino correspondendo a 64 %, solteiros 78%, não possuem filhos 85%. Já os pesquisados do sexo feminino ocupam 36%, dos questionários, em sua maioria solteiras 87%,e possuem filhos 38%, mesmo não sendo a maioria deve- se levar em conta a jovem idade das mulheres deste segmento que estão entre 15 e 24 anos e que as mulheres representam uma parcela menor do que a dos homens. A quantidade de filhos variam de 1 (um) a 3 (três).

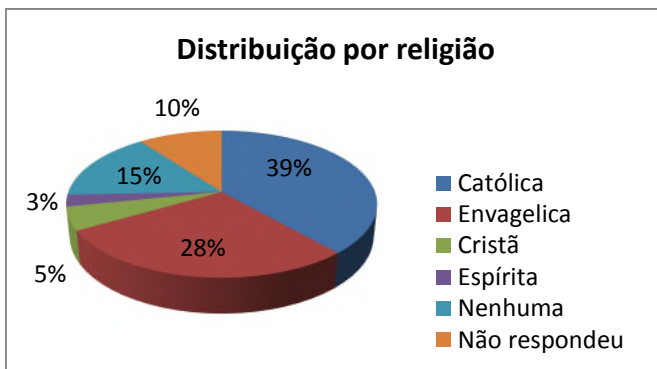


FIGURA VIII: RELIGIÃO

A figura VIII evidencia que a maioria dos pesquisados são católicos, no entanto a população evangélica também ocupa um percentual considerável.

É interessante observar que dados do último censo aponta que, nas pesquisas realizadas nos últimos 8 (oito) anos, o percentual de católicos vem diminuindo em todo o país, apesar disso, o catolicismo ainda tem muitos adeptos, sejam eles praticantes ou não.

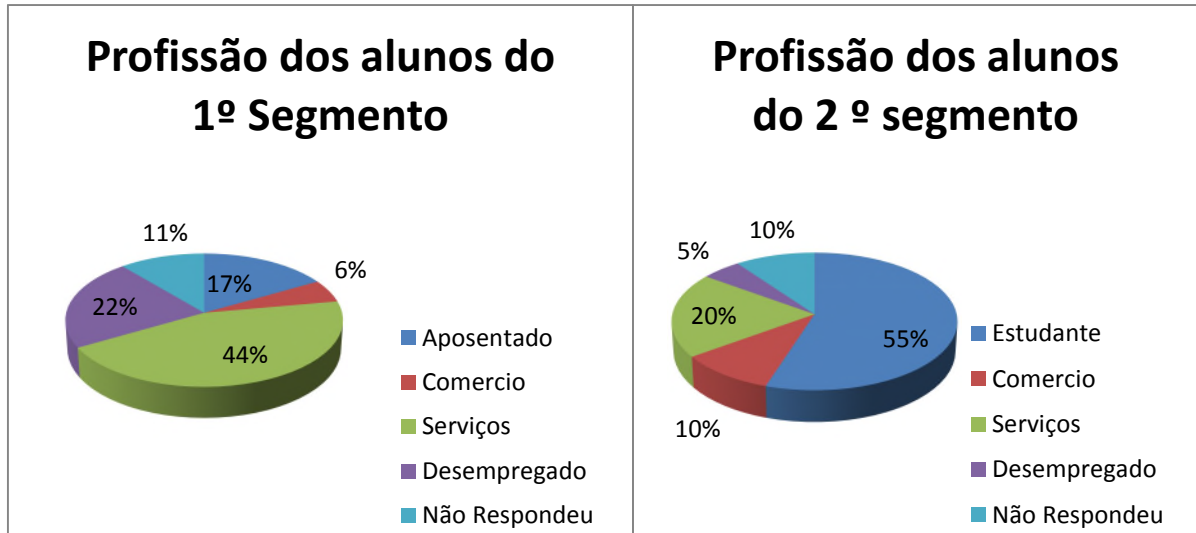
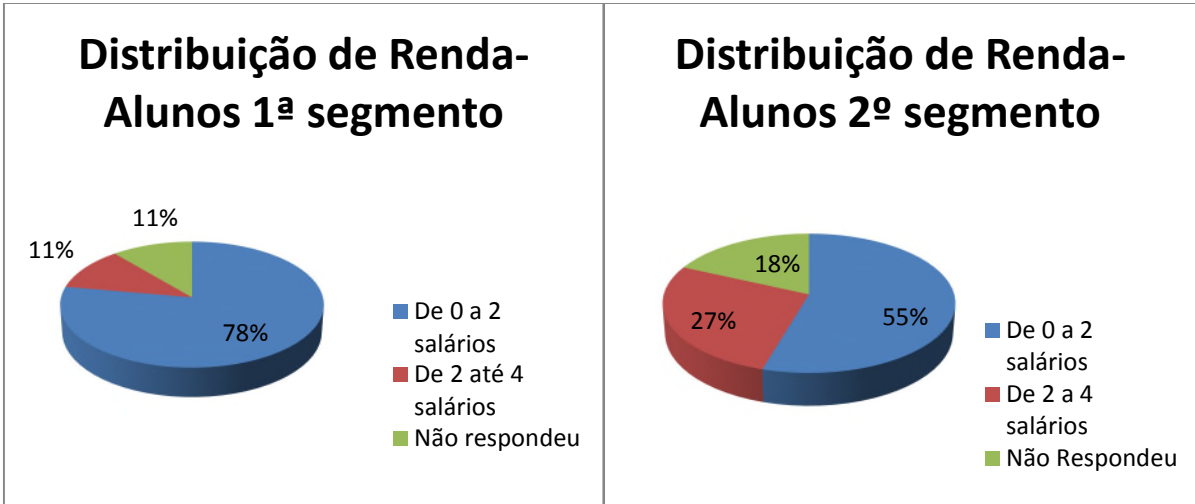


FIGURA IX e X: PROFISSÃO

Quanto à profissão, a Figura IX revela que a maioria dos pesquisados se encontra no setor de serviços com 44%, atuando como pintor, auxiliar de obra, babá, costureira, vendedor ambulante, em sua maioria profissões pouco reconhecidas socialmente, mal remuneradas, que não exigem do empregado um certificado de conclusão do ensino Fundamental e/ou Médio. Os dados revelam que os alunos do 1ª segmento são os que, em sua maioria trabalham e estudam.

A Figura X mostra a profissão dos alunos da 8ª série (2º segmento). Estes em sua maioria, 55%, não trabalham, apenas estudam. Aqueles que trabalham também estão no setor de serviços 20%, que representa o grupo dos alunos que se mantém ocupados durante o dia e não tem condições de optar pelo ensino regular.



FIGURAS XI e XII: DISTRIBUIÇÃO DE RENDA

Quanto à renda, o perfil dos educandos está na faixa de 0 (zero) a 2 (dois) salários mínimos, correspondendo a renda de 78% dos alunos da 4ª série e 55% dos alunos da 8ª série o que indica que grande parte deles se sustentam, e sustentam a família com menos de R\$1200 reais, aproximadamente, por mês (dois salários mínimos), o que é baixo, para viver em uma localidade considerada de padrões caros como é Brasília. Considerável também é o perfil que aparece em segundo lugar nas duas figuras, 11% e 27% dos participantes da pesquisa está entre os que obtêm renda acima de 2 (dois) salários mínimos. De acordo com as respostas apresentadas no questionário, estes vivem com os pais, avós ou outros parentes e a renda não é propriamente deles.

4.3 Razões para abandonar os estudos

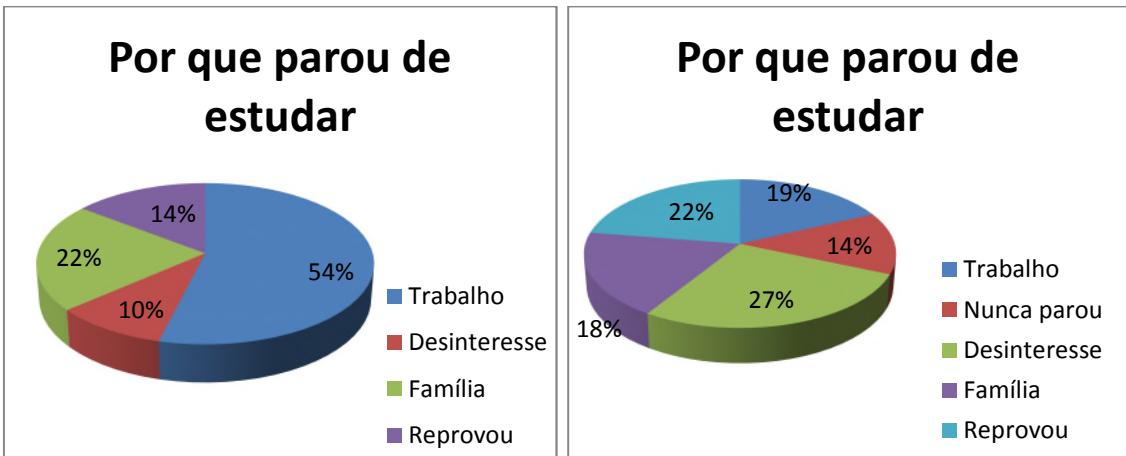


FIGURA XIII: 1º Segmento

FIGURA XIV: 2º Segmento

Em relação à figura I, o principal motivo que levam os educandos a parar os estudos está no trabalho com 54 %, seguindo por outros motivos aparece a questão da família com 22% e desinteresse com 10%.

Muitos alunos deixaram a escola para trabalhar, não era questão de escolha, conforme apontado por uma entrevistada. Em suas palavras: “ se eu não parasse morreria de fome, tinha que trabalhar, não tinha pai nem mãe biológica. ” Outra entrevistada relatou: “meu pai colocava agente para trabalhar na roça desde pequenininhos, depois já fui trabalhar na casa dos outros e até hoje não parei”. Na fala das duas podemos perceber como a questão do trabalho influenciou para que ambas não pudessem frequentar a escola na idade correta.

Já na figura II correspondente aos alunos do 2º segmento a razão de ter parado os estudos foi por desinteresse 27% e reprovação 22% e conseqüentemente ter se atrasado na escola, também aparece a questão do trabalho com 19% e aqueles alunos que dizem nunca ter parado os estudos 14%, 18% evidencia a questão da família que é o caso de algumas meninas com gravidez precoce, devido a esse fato se ausentam e demoram a retomar os estudos.

Estes fatores podemos constatar nas seguintes respostas dos educandos entrevistados: “ Com 14 anos eu tive minha primeira filha, tive que cuidar dela sozinha, o pai não quis nem saber de me ajudar. ”; “Parei por que não gosto de estudar, reprovei duas vezes por causa da matemática. ”; “ Pra minha idade eu estou atrasado, vim pra EJA, porque eu posso panfletar de dia para ganhar meu próprio dinheiro e tentar terminar os estudos na idade certa. ”(15 anos).

Dessa maneira é possível perceber que a escola não se apresenta interessante para os educandos, muitos abandonaram por não acharem que os estudos teria qualquer importância para o futuro, ou por não gostarem de estudar, como foi relatado por um dos educandos. Na segunda fala, há um interesse de concluir os seus estudos na idade aproximada e ao mesmo tempo poder conciliar os estudos com o trabalho. Podemos concluir pela fala desses alunos do 2º segmento que a exclusão se deu pela reprovação e baixa qualidade do ensino, ou seja, ocorreu a denominada inclusão excludente.

4.4 Razões para o retorno aos estudos

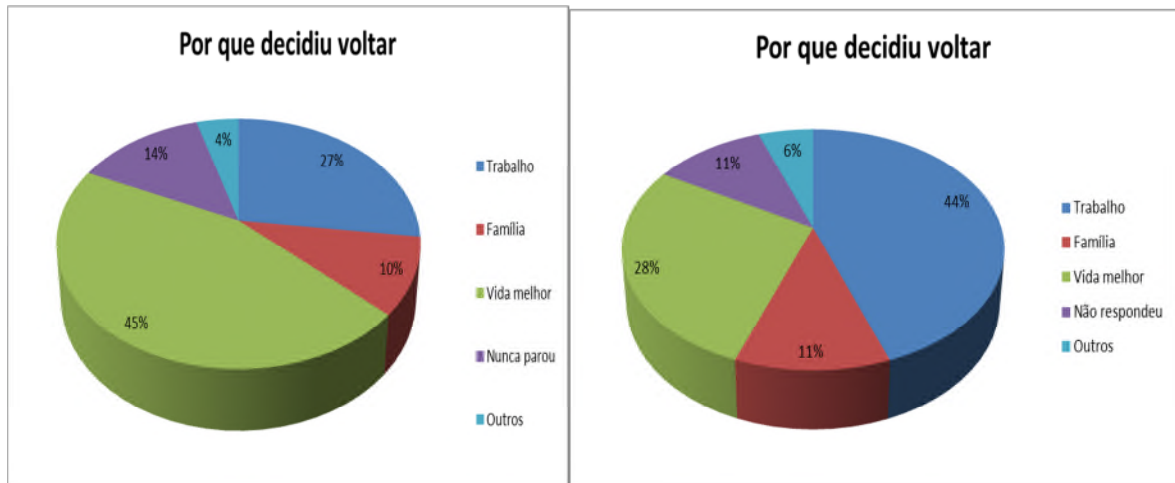


FIGURA XV: 1º Segmento

FIGURA XVI: 2º Segmento

De acordo com a figura XIV, o que mais influenciou o retorno aos estudos dos alunos do 1º segmento, foi a possibilidade de ter uma vida melhor 45%, quando perguntei para uma entrevistada o que era ter uma vida melhor para ela, ela disse que era poder pegar o ônibus sem precisar pedir ajuda, poder ler jornais e revistas, poder “viver melhor”. Muitos educandos indicam que os estudos lhe dariam a oportunidade de ajudar a família, sair da dependência de parentes ou até mesmo auxiliar aos filhos na escola.

Depois vem a questão do trabalho, dessa forma é interessante observar que aquele que deixou a escola por motivos de trabalho retornou pela mesma razão, pois perceberam que o estudo traria mais oportunidades no mercado de trabalho, conforme foi dito por um aluno. “... Para manter meu emprego meu patrão disse que eu tinha que ter ensino fundamental.”

Um rapaz de 26 anos que morava em Firminópolis, interior de Goiás, veio morar em Brasília para trabalhar, em seu depoimento disse: “Atrasei os estudos por que no interior eu era peão tanto faz ter estudo ou não, minha família não incentivava, então eu não estava nem ai para escola... Vim para trabalhar, trabalho em uma firma das lojas tokstokcom manutenção de eletro doméstico, faço pintura, instalação e parte elétrica. Aqui conheci muita gente, às vezes as pessoas riam do meu jeito de falar e eu não sabia que era errado, vim estudar porque não quero ser ignorante [...] já perdi muita oportunidade de emprego bom, por falta de estudo [...] Não consigo tirar carteira de motorista, reprovei na prova duas vezes já. Se eu tivesse carteira eles iam me colocar como motorista na firma.”

Em sua fala esse rapaz, evidencia muitos fatores que influenciaram para que ele não estudasse como: a falta de incentivo da família, o contexto social em que morava, desinteresse e outros... Os fatores pelo qual voltou foi pelo contexto social aonde reside atualmente, que para se conseguir um emprego melhor necessita-se de qualificação e de requisitos que só o estudo pode ajudá-lo a conseguir, como é o caso de tirar carteira de motorista, ele fala que sabe dirigir muito bem, mas o emprego exige a carteira e na prova teórica exige uma habilidade que ele não tem, pois segundo ele é interpretação textual.

A figura XV mostraos dados referentes aos alunos da 8ª série que evidenciaram com 44% a questão do trabalhocomo motivo de retorno aos estudos. Observa-se que o mercado de trabalho cada vez mais, exige trabalhadores qualificados, hoje a necessidade de estudo se faz presente em todo ambiente, pois ele é peça chave para que qualquer pessoa se sinta pertencente à sociedade. “ Eu quero ser promotor público, é o meu sonho, vou precisar estudar muito, primeiro vou fazer uma faculdade de direito, para depois passar no concurso e começar a trabalhar na área... ”

Logo atrás com 28% apresenta-se a questão da vida melhor, um participante contou que ele almeja muito sair da dependência da família e também poder ajudar sua mãe, nesse ponto relatado pelo estudante a família também tem um valor significativo para ele.

4.5 Importância do estudo para a vida e profissão

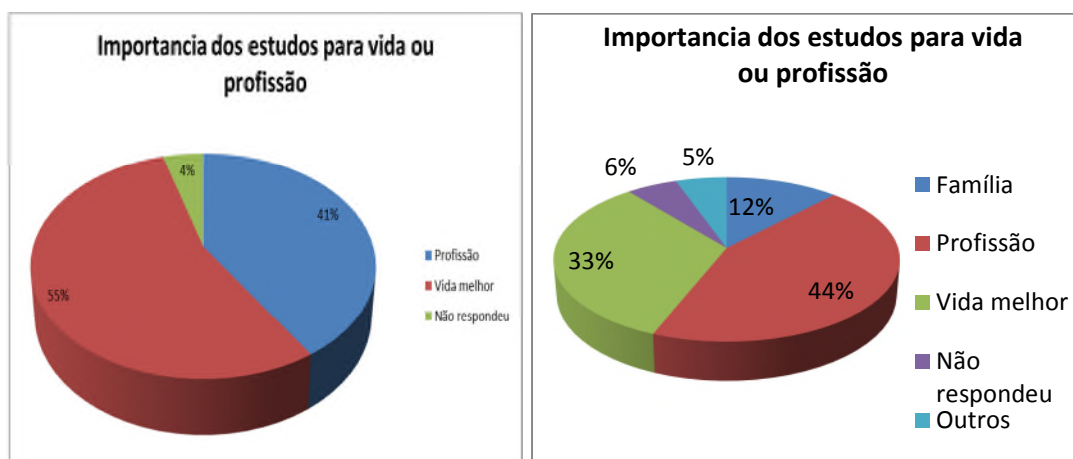


FIGURA XVII: 1º Segmento **FIGURA XVIII: 2º Segmento**

Nas duas figuras observa-se uma grande parcela de educandos que desejam uma vida melhor. Sentir-se seguro, possibilidade de ter uma moradia própria, condições financeiras que auxiliem quando necessitar de cuidar da saúde ou resolver qualquer problema é um requisito básico para se viver bem e é o que o ser humano almeja em sua maioria, se não forem todos, principalmente em uma época que há tanta violência e desigualdade.

Muitos dos participantes da pesquisa reconhecem o estudo como importante para se obter uma vida mais tranquila, alcançar um status social melhor, com maiores oportunidades para si e para quem estiver próximo a eles. O desejo de muitos é mudar de vida, deixar para trás os problemas e poder descansar, pois as preocupações com o dia-dia e com o sustento próprio e da casa onde vivem ocupam grande parte do cotidiano.

Encontramos também a ascensão na profissão com alto percentual 41% para os alunos da 4ª série e 44% para os alunos da 8ª série como fator de extrema importância para os estudos, ascender na carreira, conseguir uma profissão melhor ou estar bem preparado para o mercado de trabalho é o que mais impulsiona os educandos para voltar a estudar.

É importante perceber que os educandos indicam que os estudos trazem uma perspectiva de melhora, pois em todo lugar se fala de educação como condição fundamental para mudar o mundo. É com ela que o cidadão poderá ter consciência na hora do voto, reivindicar melhorias para sua cidade e no caso daqueles alunos que já estão inseridos no mercado de trabalho ou está a procura de um emprego perceber que com a instrução eles têm mais possibilidades de se aprimorar no ofício que já desempenha ou ter uma chance de concorrer por uma vaga. “ Os meus filhos cresceram sem eu nunca poder ajudá-los na escola, eu queria ter ensinado eles a fazer os deveres da escola, mais eu não sabia de nada, eles sabem mais do que eu, mas agora eu ajudo os meus netos... ” Apesar da família ocupar 12%, percebe-se pela fala dessa senhora a importância que ela vê que os estudos podem proporcionar.

4.6 Perspectivas de futuro

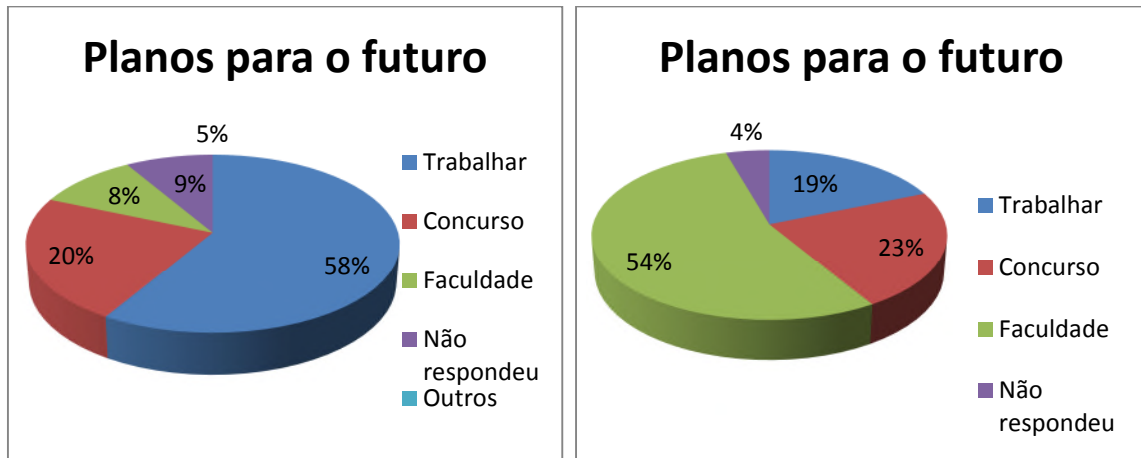


FIGURA XIX: 1º Segmento

FIGURA XX: 2º Segmento

Quanto aos planos para o futuro, os educandos pesquisados se mostram interessados, principalmente, em cursar uma faculdade e trabalhar. Os alunos da 4ª série com 59% tem como perspectiva futura trabalhar. Os alunos da 8ª série 54% dizem que futuramente desejam fazer uma faculdade, a diferença se mostra grande ao segmento anterior, pois apenas 8% dos alunos da 4ª série traçam como perspectiva futura fazer uma faculdade. O concurso público aparece em 2º lugar nos dois segmentos para 20% e 23% dos alunos. “ Assim que terminar meus estudos volto para minha terra Bahia. ” A fala dessa aluna da 4ª série entra na categoria de outras perspectivas que representa 5%.

Mesmo depois de anos longe da escola ou de sucessivas repetições, não fizeram com que os educandos da pesquisa desistissem de prosseguir, ainda que estudar para alguns educandos não era interessante, reconhecem que os estudos podem trazer os resultados que eles esperavam para suas vidas e profissões.

“ Penso em fazer um curso de informática, sou bom com computador, se eu fizer o curso, posso trabalhar nessa área, emprego não vai faltar.”

“ Agora que estou perto de concluir meus estudos, sei que sou capaz de realizar meu sonho desde criança, ser policial militar ou ser da força nacional, ainda não decidi mais quero ser da segurança publica. ”

“ Tudo que eu quero é pegar o ônibus sozinha, sem precisar de ajuda e ler a bíblia na igreja, já vou estar muito satisfeita. ”

As falas de cada um desses entrevistados merecem a consideração por cada educador, perceber que apesar de todo o tempo distante da sala de aula, muitos retornam cientes de que a educação oferece todas as chances para aqueles que almejam alcançar a profissão de seus sonhos, melhorar na carreira profissional, mais conhecimento e a esperança de um futuro melhor.

Associado ao fato de se ter começado a trabalhar muito cedo está o fator idade como questão considerada pelos alunos para planejar seu futuro e suas metas. A idade é relevante para o aluno da Educação de Jovens e Adultos, pois o permite controlar/direcionar suas expectativas com relação ao seu futuro nos próximos módulos da EJA e após sua passagem por esta modalidade de ensino.

Os alunos mais jovens apresentaram ter maiores expectativas com relação à educação e almejam um futuro mais promissor para a inserção no mercado de trabalho, 54% desses alunos tem como perspectiva futura cursar uma faculdade e 23% almejam ingressar no serviço público. Para os mais velhos, sobretudo os aposentados, a expectativa principal é trabalhar para sobreviver, 54% dos alunos tem como perspectiva futura trabalhar. Essa perspectiva pode ser melhor compreendida pela história de vida dessas pessoas, que está relacionada à aquisição de conhecimentos básicos, como ler e escrever, já que mencionam a idade avançada como um empecilho para desejar algo mais que apenas se alfabetizar. Contudo, aprender a ler e escrever é importante para que essas pessoas possam ter maior autonomia em suas vidas, como por exemplo, o simples fato de pegar um ônibus, ler uma placa, etc. As falas abaixo traduzem a relação entre a idade dos alunos e suas expectativas:

“Quero aprender a ler e a escrever, arrumar um emprego melhor.” (32 anos)

“Quero um dia passar no concurso da polícia militar do DF.”(19 anos)

“Quero aprender a assinar o nome, saber pegar ônibus, ler as placas dos ônibus e ler a bíblia.” (54 anos)

“Quando eu vejo as pessoas se dando bem nos estudos e conseguindo um bom emprego, ganhando bem, dá vontade de estudar muito para crescer na vida também. Tenho fé em Deus que vou fazer uma faculdade. Vou ser assistente social”.(23 anos)

Ao envelhecerem, muitas pessoas chegam a acreditar que realizar seus sonhos não é mais possível, que o tempo que tem pela frente não seria suficiente para concretizar seus

desejos e a idade é vista como um empecilho para sonhar. A pesquisa de Coura (2008) “Entre medos e sonhos nunca é tarde para estudar: A terceira idade na educação de Jovens e Adultos” mostra como a idade pode interferir na formação dos sonhos dos alunos com idades mais avançadas presentes na EJA, por eles acreditarem que pelo fato de estarem velhos não podem almejar a realização de seus sonhos “Ao envelhecerem, muitas pessoas chegam a acreditar que realizar seus sonhos não é mais possível, que o tempo que tem pela frente não seria suficiente para concretizar seus desejos” (COURA,2008,p. 2). Em concordância com o que afirma a autora, isso é presente na fala dos entrevistados.

Uma das principais causas da entrada precoce no mercado de trabalho está ligada às dificuldades financeiras presentes na realidade dos sujeitos da pesquisa desde infância até hoje, 67% possuem renda de 0 a 2 salários mínimos, o horário das aulas de EJA no caso da rede pública de ensino que o caso da instituição pesquisada é noturno o que permite que os alunos trabalhem de dia e frequentem a escola à noite.

Apesar de alguns dos entrevistados terem permanecido por muitos anos longe do universo escolar, não desejam que seus filhos tenham a mesma realidade.

“ Tive filhos muito jovem, não tinha quem cuidasse deles, então parei de estudar, eu quero dar pra eles o que eu não tive na idade certa, o meu sonho é que minha filha seja advogada.”

Alguns entrevistados também opinam que a escola tem o cunho formativo, considerando o aprendizado do aluno. Delegam à escola atitudes de “ensinar”, “incentivar o aluno”, “ajudar a melhorar de vida” e também se referindo à educação que os conduza a um trabalho, que, na verdade é desejo de muitos. (entrevista, junho de 2013).

Foi possível perceber que os valores atribuídos pelos alunos à educação e sua relação com o mundo do trabalho estão diretamente ligados, em suas opiniões, na oportunidade que aquela pode fornecer para os que realmente prosseguirem com os estudos, mesmo que as expectativas se diferenciem proporcionalmente a idade de cada um. Mas, vale salientar, que mesmo com as diferenças de idades, as expectativas resistem apesar de todas as dificuldades existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da percepção que os alunos têm da educação e trabalho, precisamos ter a visão de um sujeito que tem uma experiência de vida que não é encontrada em nenhuma outra modalidade de ensino. Foi possível perceber que os educandos têm metas a alcançar. Conforme observado pelas respostas dos educandos, o trabalho era visto como forma de alcançar os objetivos em vista a necessidade de sobrevivência, desta maneira, muitos deles deixaram de estudar por não ter condições de conciliar as duas atividades, outros demonstraram que viam no trabalho a chance de obter metas imediatas. Outro fator importante para o abandono da sala de aula é o desinteresse, o ambiente educativo não se mostrava interessante para os educandos, os conteúdos não eram apresentados de forma relevante para a vida prática deles e isso é apresentado como uma das causas do abandono.

Por meio do contexto histórico da educação de jovens e adultos no Brasil, compreende que se originou de um processo por inúmeras fases e problemas, até ser reconhecida como uma modalidade de ensino onde os educandos tem o mesmo direito de buscar o aprendizado e o desenvolvimento que os alunos que cursam o ensino regular.

Apesar de ainda hoje ser vista como uma modalidade que necessite de campanhas para que a população saiba que existe a possibilidade de retomar os estudos, muitas conquistas e direitos já foram adquiridos. Os educandos necessitam muito mais que aprender a ler e escrever, ou até mesmo de apenas obter um diploma, o desejo de ser reconhecido como cidadão, como alguém que pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa perpassa os caminhos da educação.

Por meio dos estudos da relação educação e trabalho na visão de Kuenzer e Carvalho é fácil obter a compreensão quando associados juntamente com a educação de jovens e adultos, pois a situação vivenciada nesta modalidade de ensino está totalmente entrelaçada a essa relação que originou de um processo histórico devido às necessidades vivenciadas por esses alunos.

A qualidade de vida que tanto se busca pode-se tornar real, quando a práxis no ambiente educacional colocar em primeiro plano, a formação de um cidadão consciente de suas atitudes, que compreende seu papel na sociedade, que reflete, questiona, se impõe, sabendo que tem todo direito de lutar por melhorias em todas as áreas de sua vida.

O trabalho expressa e define a essência do homem em todas as fases de sua vida (da infância à velhice), mas é no período adulto que melhor se compreende seu significado como fator constitutivo da natureza humana. (Pinto, 1909, pg.79)

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de educação que está fundamentada a partir das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), na Lei nº 9394/96, sendo destinada aos alunos jovens e adultos “que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria”, fazendo parte do Ensino Básico, mas não havendo para a EJA a obrigatoriedade existente no mesmo. De acordo com o artigo 37, § 2º da LDBEN “O poder público viabilizará e estimulará o acesso e permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares”. Essas ações estão relacionadas aos cursos e exames que habilitarão os alunos para a continuidade dos estudos na educação regular após sua passagem pela Educação de Jovens e Adultos, além de considerar as características sociais deles, tais como: serem alunos de baixa renda, trabalharem durante o dia, etc.

Uma característica bastante importante nas escolas que oferecem a EJA está direcionada à necessidade em ter seus horários de aula reduzidos. Em alguns casos isso acontece pelo fato de que existem instituições de ensino situadas em áreas de risco próximas ao tráfico de drogas, seja venda ou consumo, com riscos de assaltos, e a comunidade escolar, na tentativa de se prevenir a esse respeito, torna o horário noturno ainda menor que o habitual, já reduzido em comparação com os horários da manhã e tarde. Assim, os alunos que cursam a Educação de Jovens e Adultos costumam ser prejudicados ainda nas suas necessidades de frequentar a modalidade, pois o fazem no horário noturno, e têm as horas reduzidas para estudar, além de alguns trabalharem durante o dia.

Neste contexto, o prejuízo ocasionado pela diminuição de carga horária recai diretamente sobre o aluno que tem perspectivas de “melhorar de vida”, “terminar os estudos”, “ensinar a tarefa dos filhos”, “deixar de ser ignorante”, “não precisar sujar o dedo para assinar”. Estas são expressões usadas por alguns alunos da EJA que tive a oportunidade de conversar por meio das entrevistas.

O acesso à educação instituído como direito constitucional (Art.208), mostra-se obrigatório apenas no Ensino Fundamental. No entanto, no caso da EJA, a ausência de políticas públicas confere um caráter paliativo que não consegue erradicar o analfabetismo, pois não havendo a obrigatoriedade de cursar a EJA, seu público alvo permanece, muitas

vezes, sem ter acesso à modalidade, além de influenciar na qualidade do ensino da Educação de Jovens e Adultos.

Esses sujeitos normalmente costumam trabalhar em ocupações não qualificadas, malremuneradas e muitas vezes adquirindo um caráter marginal perante a sociedade, como é o caso de ambulantes, vendedores nas ruas e calçadas, ou mesmo de profissões “reconhecida socialmente” mais que estão diretamente ligadas a moradores de bairros pobres e marginalizados e que devido as suas situações financeiras, possivelmente são privados também de bens culturais. E é nesse contexto que a Educação de Jovens e Adultos precisa estar inserida, para atender a esses trabalhadores, ou seja, é necessário colocar a educação em seu devido termo. Se, de um lado, fica evidenciada a necessidade de mais educação na perspectiva de vivência de uma cidadania efetiva, de outro lado, é preciso deixar claro que a educação não gera empregos e, portanto o seu papel é limitado pelas condições sócio-econômicas e culturais da sociedade capitalista.

Compreende-se por meio deste trabalho, que a educação não é um fator determinante, mas quando relacionada com o trabalho, esses dois fatores caminhando juntos permitem maiores expectativas para aquele sujeito que trabalha e estuda e que compreende a importância destes para realização de seus sonhos e metas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFABETIZAÇÃO de jovens e adultos no Brasil: **lições da prática**. Brasília: UNESCO, 2008.
- ARRUDA, Marcos. A Articulação Trabalho Educação Visando uma Democracia Integral. In GOMES, Minayo Carlos et al. **Trabalho e Conhecimento: dilemas na educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez, 1987.
- CARVALHO, O.F. **Educação e formação profissional: Trabalho e tempo livre**. Brasília: Editora Plano, 2003.
- CUNHA, Conceição Maria Da. Introdução – discutindo conceitos básicos. In: SEED-MEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12º ed. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1997 B
- FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia- Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 A.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Cidadania e Formação Técnico-Profissional: desafios neste fim de século. In: SILVA, Luiz Heron (org.). **Novos Mapas Culturais, Novas Perspectivas Educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996.
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José. **Educação de jovens e adultos: teoria, práticas e propostas**. São Paulo: Cortez, 1995.
- KUENZER. A.Z. **Educação e Trabalho no Brasil: o estado da questão**, Brasília, INEP, 1991.
- MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã (I- Feuerbach)**. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 1987, p. 26-39.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. In: RIBEIRO, V.M.(org.). Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras. São Paulo: Ação Educativa; Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- OLIVEIRA, Maria de Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. São Paulo: Editora Vozes, 2005.
- PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1983.
- SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, jan./abr. 2007.
- SCHULTZ, Theodore William. **O capital humano: investimentos em educação e pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- SCHULTS, Theodore W. **O valor econômico da educação**. Rio de Janeiro, Azhar, 1973.

VIEIRA, Maria Clarisse. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos** –. Universidade de Brasília, Brasília, 2004.v.1.

WOLFF, Simone. **O espectro da reificação em uma empresa de telecomunicações: o processo de trabalho sob os novos parâmetros gerenciais e tecnológicos.** Campinas: Unicamp, 2004.

COURA, Isamara G. M. Entre medos e sonhos nunca é tarde para estudar: a terceira idade na educação de jovens e adultos. GT-18: **Educação de Jovens e Adultos.** Prefeitura Municipal de Contagem. 2008. p. 2. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT18-4504--Int.pdf> > Acesso em: 17 de junho. 2103.

LOPES, Selva Paraguassu E SOUSA, Luzia Silva. **EJA: Uma educação possível ou mera utopia?** Revista Alfabetização Solidária (Alfasol).p.1-20,mar.2005. Disponível em <<http://www.cereja.org.br> > Acesso em: 11 de abril. 2103.

MALTA, Arlene Andrade, **A aprendizagem na Educação de jovens e Adultos: a emergência de diferentes saberes na re-significação de práticas escolares.** V colóquio Internacional Paulo Freire- Recife, p. 1-13. Set.2005. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org.br> > Acesso em: 15 de junho. 2103.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.1996.Disponível em:http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf > Acesso em: 15 maio.2013.

_____. Ministério da Justiça. Ementa Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009. Artigo 208. Disponível em: <<http://200.181.15.9/ccivil03/Constituição/Emendas/Emc/emc59.htm> > Acesso em: 19 março. 2013

REGNIER, K. vonDollinger. Educação, trabalho e emprego numa perspectiva global. Boletim Técnico do SENAC. Rio de Janeiro: SENAC, v. 23, n.1, 1999. Disponível em: <http://www.senac.br/informativo/bts/231/boltec231a.htm>. Acesso em: 28 maio.2013.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário da pesquisa empírica realizada

Prezado (a) Educando (a):

Meu nome é Alainy Vasques Medeiros aluna do curso de pedagogia da Universidade de Brasília e estou produzindo o meu trabalho final de curso. Solicito a sua participação no preenchimento desse questionário que fará parte do meu trabalho acadêmico a respeito da educação de Jovens e Adultos. A sua participação é muito importante para que eu consiga concluir essa etapa de minha vida. Desde já agradeço a sua colaboração e asseguro anonimato ao responder o questionário.

Questionário

Responda as questões abaixo, assinalando com um X as alternativas que julgar pertinentes.

I-Dados Pessoais

Sexo: () Feminino () Masculino

Religião: _____

Idade: _____

Estado Civil: () Casado () Solteiro () divorciado () relação estável

Filhos: () Sim () Não Quantos: _____

Cidade em que mora: _____

Profissão: _____

Renda: () 0 até 2 salários

() 2 até 4 salários

() 4 até 6 salários

() acima de 6 salários

- Você já interrompeu seus estudos?

() Sim () Não Quanto tempo? _____

- Se você respondeu Sim, assinale os motivos pelos quais interrompeu os estudos. Porque você parou de estudar?

- Trabalho
- Desinteresse
- Família
- Reprovou
- Outro. Qual? _____

- Por que decidiu voltar?

- Trabalho
- Família
- Vida melhor
- Conseguir um emprego
- Outro. Qual? _____

- Qual a importância dos estudos para sua vida ou profissão?

- Família
- Profissão
- Vida melhor
- Outra. Qual? _____

- O que deseja fazer quando terminar os estudos

- Trabalhar
- Mudar de emprego
- Concurso
- Faculdade
- Outro. O que? _____